



PAISAGEM

Importância na leitura
das espacialidades –
fazendo e acontecendo
no ensinar e
aprender Geografia

Antonio Carlos Castrogiovanni
Christiano Correa Teixeira
Jaciel Gustavo Kunz
Lânderson Antória Barros



O GEÓGRAFO

Johannes Vermeer (1668-1669)

Pertence atualmente ao Städelisches Kunstinstitut de Frankfurt, na Alemanha. Embora repleto de instrumentos, o geógrafo contempla a paisagem através da janela.

Antonio Carlos Castrogiovanni
Christiano Correa Teixeira
Jaciel Gustavo Kunz
Lânderson Antória Barros
(org.)

PAISAGEM

IMPORTÂNCIA NA LEITURA
DAS ESPACIALIDADES:
fazendo e acontecendo
no ensinar e
aprender Geografia



GOIÂNIA, GO | 2023

© Autoras e autores – 2023
A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.
Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto nº 1.825,
de 20 de dezembro de 1907.
Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Catalogação na Fonte



C&A ALFA

COMUNICAÇÃO

Presidente

Luiz Carlos Ribeiro

Revisão Geral

Juliana

Projeto Gráfico

Adriana Almeida

Conselho Editorial

Andréa Coelho Lastória (USP/Ribeirão Preto)

Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena (UNESP/Ourinhos)

Carolina Machado Rocha Busch Pereira (UFT)

Denis Richter (UFG)

Eguimar Felício Chaveiro (UFG)

Lana de Souza Cavalcanti (UFG)

Loçandra Borges de Moraes (UEG/Anápolis)

Míriam Aparecida Bueno (UFG)

Vanilton Camilo de Souza (UFG)

Capa e Ilustrações: Carolina Simões Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

(Elaboração: Filipe Reis – CRB 1/3388)

P159 Dias, Juliana Maddalena Trifilio.

Paisagem : importância na leitura das especialidades : fazendo e acontecendo no ensinar e aprender Geografia / Antonio Carlos Castrogiovanni ... [et al.] (Orgs.). – Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2023.

168 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-89324-86-7 (Físico)

ISBN 978-65-89324-87-4 (E-book)

1. Paisagem. 2. Espaço geográfico. I. Castrogiovanni, Antonio Carlos. II. Teixeira, Christiano Correa. III. Kunz, Jaciel Gustavo. IV. Barros, Lânderson Antória.

CDU: 911



SUMÁRIO

Onde está a paisagem?	9
Apresentação - para início de conversa	11
1. A paisagem - uma construção complexa da geografia (?)	17
2. O espaço geográfico: expressão de forma/cultura/lugar	33
3. Professores, precisamos falar sobre paisagem	39
4. As falas da paisagem	45
5. Se a paisagem não é só imagem, então o que é paisagem?.	59
6. Qual o lugar do lugar na paisagem?.	67
7. A paisagem tem tamanho?	79
8. Aonde vou? Onde está?	89
9. Por que as coisas são assim?	95
10. Para não finalizar.	101
11. Paisagem em sala de aula: propostas de oficinas	107
Quadro base	111
Oficinas	129
Sobre os autores.	165





*Azulejos representando
uma Paisagem.*

*Igreja da Ordem
Terceira Secular de São
Francisco – Salvador–BA*

Foto dos autores.



ONDE ESTÁ A PAISAGEM?

A paisagem está por toda parte. E para senti-la basta, como faz o geógrafo, olhar pela janela, admirá-la através das diferenças que as suas formas manifestam. A paisagem tem cheiro, cores, nuances, texturas, brilhos, volumes, sons... e pode não nos trazer nada. Vai depender do nosso olhar! Da estranheza que ela nos causa. Ela encerra uma história que evoca, em última análise, a nossa própria trajetória. Ver uma paisagem, muitas vezes, é buscar um olhar interno! O conceito de paisagem carrega em si elementos cognitivos e afetivos. Elementos espaço-temporais. Enxergar a paisagem é iniciar uma leitura do mundo. É exercitar o pensamento geográfico! O pensamento geográfico exige um raciocínio espacial: porque aqui e não ali, ou acolá? Com o que determinado espaço se relaciona? Por que não se relaciona

com os demais? Existe por quê? Entre outras muitas reflexões. A paisagem está e se faz existir em todo local, se faz presente através dos nossos sentidos. Ela não é um conceito apenas geográfico. Ela é um conceito polissêmico. Muitas vezes, as experiências estéticas de olharmos o mundo são reconhecidas por paisagens. Há uma cultura contemporânea que enxerga as paisagens como algo belo e bucólico, que identifica as belezas de um lugar com o fato de estar intocado pelas transformações sociais. Nem toda paisagem é bela, mas todas as paisagens têm a sua gênese. E é na busca do entendimento da gênese de cada paisagem que exercitamos o pensamento geográfico, a abstração espacial. Atenção, a paisagem é sensorial!

PARA INÍCIO DE CONVERSA

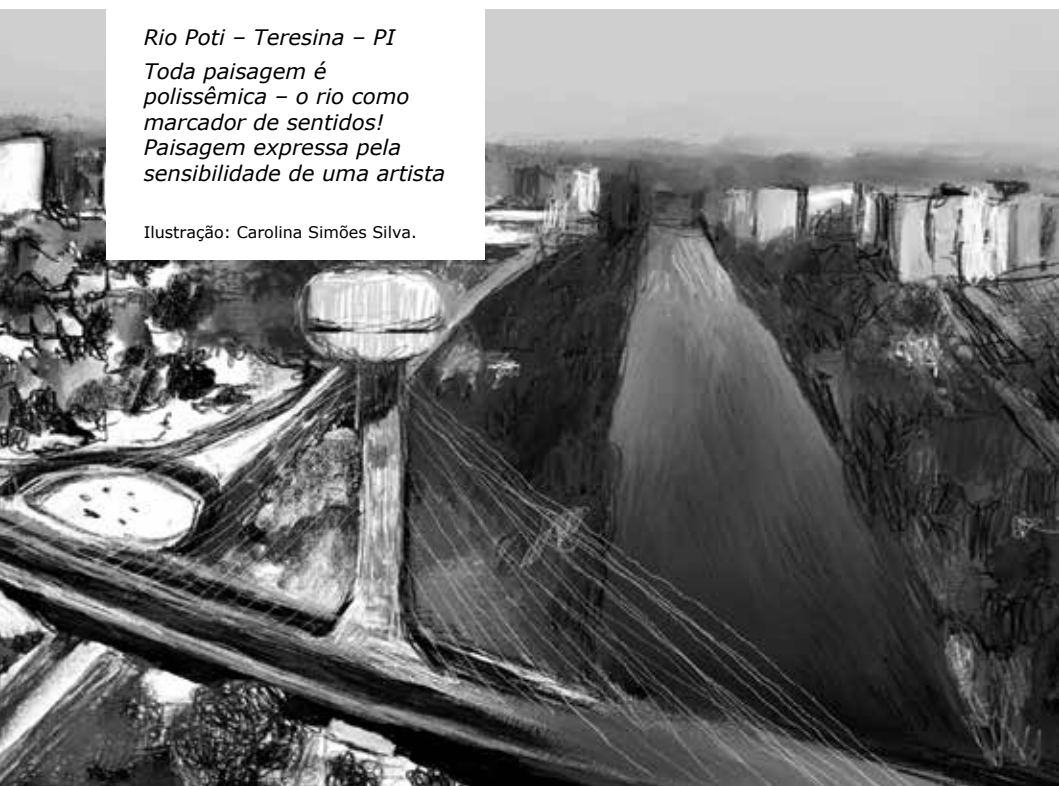
Este livro é fruto de investigações realizadas em escolas públicas e privadas de Porto Alegre. A pesquisa desenvolvida buscou, inicialmente, refletir e (re)textualizar a leitura sobre o conceito de paisagem através do olhar de diferentes autores. Em outros momentos, procuramos responder, provisoriamente, às questões: a paisagem é informação ou conhecimento? Como o nosso olhar transforma a paisagem? Como transformar a paisagem em conhecimento espacial? O empírico visto é a paisagem ou já é abstração? Questões estas que são refletidas à luz da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). É uma pesquisa de caráter exploratório com reflexão coletiva que se aproxima de uma pesquisa-ação, mas com provisoriidades.



As paisagens podem ser registradas através de lentes, como as de um drone.

Rio Poti – Teresina – PI

Paisagem que nos desperta reflexão – o rio como marcador de território!



Rio Poti – Teresina – PI

*Toda paisagem é polissêmica – o rio como marcador de sentidos!
Paisagem expressa pela sensibilidade de uma artista*

Ilustração: Carolina Simões Silva.

A leitura é feita a partir dos princípios Holográfico e Dialógico, que norteiam o entendimento da complexidade hodierna, voltados para a necessária compreensão provisória do Espaço Geográfico, cada vez mais multidimensional. Entendemos que avaliar as diferentes espacialidades, inseridas em suas temporalidades, é fundamental, para que os sujeitos professores possam empregar a paisagem na reflexão da geograficidade existente nos diferentes locais, através das diferenças ou modificações estampadas nas paisagens.

A percepção da paisagem encaminha para a leitura de espacialidades que revelam os elementos que a compõem: localização, orientação, forma, arranjos espaciais, escalas e lugares; elementos (re)construídos e interagidos, contidos em uma instância do espaço que representa o todo, em que a soma das partes é mais que o todo. Lendo e (re)lendo a poesia que ora trazemos, do gaúcho Mario Quintana (1906-1994), quantas paisagens se fazem presentes na nossa memória visual...

O Mapa

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre

Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuance de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso...

Mario Quintana

Neste belo escrito, percebemos que expressões como “anatomia de um corpo”, usadas como representações da cidade expressa no mapa, trazem metáforas que favorecem a imaginação e a criatividade na leitura da nossa própria cidade, no caso, a capital gaúcha, Porto Alegre. O professor poderia empregar esta poesia no contexto geográfico e questionar os alunos: Qual é a anatomia da nossa cidade? É a paisagem que revela

ou é a abstração que produzimos ao ler, num certo tempo, esta anatomia? A anatomia se apresenta como um todo ou são as partes deste todo que nos levam a observar, inclusive, os cantos encantados ou proibidos? São questionamentos que nos incentivam a escrever este livro e a continuar pesquisando, enquanto professores de Geografia que somos!

Pensamos ser fundamental considerar a dinâmica socioespacial que envolve os aspectos visíveis e invisíveis, implícitos e explícitos, que falam ou silenciam, de acordo com as subjetividades geográficas do olhar dirigido pelos sujeitos às paisagens, procurando não separar o sujeito do objeto por ele percebido. Neste livro apresentamos algumas das questões respondidas provisoriamente e que necessitam da coautoria de cada sujeito, do professor ao leitor. Não nos preocupamos apenas com questões teóricas, mas como transpô-las para sala de aula. O texto a seguir é o resultado provisório de nossas práticas e de nossas dúvidas. Como professores procuramos transformar as nossas experiências em pesquisa-ação. Entendemos que todo professor também é um pesquisador. O desafio está posto.

Os autores.

A PAISAGEM

Uma construção complexa da Geografia (?)

A paisagem é apreendida de forma diferente em cada corrente paradigmática da Geografia. A Geografia Tradicional, conforme Corrêa (2005), predominou no período entre 1850 e 1950, com fortes contribuições de Alexandre Von Humboldt (1777), Carl Ritter (1807) e Ratzel (1909), advindos da escola alemã, e de Vidal de La Blache, da escola francesa.

Para Santos (1985), representante de uma corrente interpretativa, o espaço deve ser concebido como uma instância da sociedade. Isto significa que contém e é contido pelas demais instâncias.

A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é o social [...]. Assim, temos

paralelamente de um lado, um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou uma configuração espacial, [...], é a Paisagem;[...] (SANTOS, 1985, p. 1-2)

Para o autor, o espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida. O território se apoia no espaço, mas não é o espaço. A paisagem traz a gênese do espaço, é preciso interpretá-la.

O território se forma a partir da relação espaço/tempo. O tempo não tem regra e nunca passa, ele se materializa no espaço e se manifesta nas paisagens. Os sujeitos territorializam-se no espaço a partir da sua apropriação num determinado tempo, imprimindo o próprio tempo no espaço. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os sujeitos constroem para si, a paisagem acaba aprisionando os olhares. Ela é um conjunto heterogêneo de formais naturais e construídas pelas sociedades, o que nos leva a entender as paisagens como uma abstração humana.

As sociedades, ao se apropriarem da natureza, "produzem" o espaço. Essa produção é realizada através de um processo de trabalho que modifica essa mesma natureza, tendo como resultado uma série de contradições sociais que não podem mais serem vistas apenas pelo viés econômico. Tais contradições são frutos de *interesses* diversos ao longo do processo histórico, sendo materializadas em formato de paisagens.

Produzidos por sociedades desiguais, que possuem rugosidades internas e contradições, os espaços que se cristalizam também são desiguais. No entanto, assumem características próprias que se interrelacionam e formam uma *unidade*, que é o todo social. Há um princípio dialógico na formação do Espaço Geográfico que se constitui em abstrações, sob a forma de paisagens. Diversamente de um sistema natural, cada sociedade cria uma trama de significações para representar a si mesma e o mundo (SOUZA, 1997). Esta trama estabelece uma dialogicidade entre a ordem e a desordem, através de inumeráveis (inter)retroações. Esse processo, repleto de tensões, ocorre no mundo natural e também no social. Esse movimento, tão próprio a cada sociedade, cria o caldo de cultura onde são socializados os indivíduos. Portanto, o Espaço Geográfico é também cultural. A paisagem é a manifestação de culturas num certo tempo histórico.

O geógrafo Milton Santos (1980), ao se expressar sobre o objeto de estudo da Geografia, relaciona a configuração do espaço ao processo histórico das sociedades, mostrando o quanto ele é repleto de tensões:

O Espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente, e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos

olhos, e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual, daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares [...] (SANTOS, 1980, p.122).

Por “forma” o autor entende o aspecto visível, exterior de um objeto. Pode-se dizer que é a geometrização do objeto, que pode ocorrer em diferentes escalas. As representações são feitas em diferentes escalas cartográficas. O mesmo autor, tomando como referência o filósofo italiano Diano (1994), pontua que “sujeito e objeto criam-se mutuamente, eles se substancializam um à custa do outro na ‘empiricidade’, onde, sob a ação da forma, revelam-se no evento”. (SANTOS, 1996, p. 74) Assim, é somente na esfera da forma que existem os objetos, mas existem porque o sujeito passa a ser o seu espelho.

Portanto, a existência da paisagem enquanto concretude depende da substancialização proposta pelos sujeitos. Por esse processo de criação ser dinâmico é que as formas configuram-se como um sistema da atualidade, produto do caldo cultural. A cada evento a forma se recria. O enfoque do Espaço Geográfico, como o resultado da conjugação entre sistemas de objetos e sistemas de ações, permite transitar do passado ao futuro, mediante a consideração do presente (SANTOS, 1996).

Sobre a noção de função, Correa esclarece que:

[...] ela implica uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto criado. Assim este tem um aspecto exterior, visível – a forma – e desempenha uma atividade – a função (CORRÊA, 1986, p. 76-77).

Para o autor, o significado do objeto provém, então, da sua função. Enquanto a estrutura é o modo pelo qual os objetos estão organizados, referente não a um padrão espacial, mas à maneira como estão interrelacionados. É a natureza social, política e cultural de uma sociedade frente ao processo histórico.

Já quanto ao conceito de processo, Santos entende como sendo uma ação realizada ininterruptamente, buscando um resultado e implicando tempo e mudança.

Os processos acontecem dentro de uma dada estrutura social e econômica e resultam das contradições internas da mesma. Com isto, estamos dizendo que processo é uma estrutura em seu movimento de transformação [...] (SANTOS, 1980, p.77).

Analisando tais colocações, concluímos, temporariamente, que a forma, a função, o processo e a estrutura são categorias fundamentais para conhecermos o espaço e as paisagens. Ainda, segundo Corrêa (1986), essas categorias devem ser analisadas de forma integrada:

Se considerarmos apenas as categorias estrutura e processo, estaremos fazendo uma análise a-espacial, não geográfica, absolutamente incapaz de captar a organização espacial de uma dada sociedade em um dado momento do tempo ou suas mudanças no

mesmo. Considerando apenas a estrutura e a forma, desprezando o papel do processo e da função, deixaríamos de lado a mediação (processo e função) entre o que é subjacente (a estrutura social e econômica) e o exteriorizado (a forma espacial). Perde-se a história, os elementos dinâmicos de transformação que põem a estrutura em mudança, culminando na mudança ou permanência das formas espaciais (CORRÊA, 1986, p. 77-78).

O espaço é um conjunto de relações produzidas através de funções e de formas que se apresentam como testemunhos de uma história escrita por processos do passado e do presente. O estudo geográfico do espaço, assim como o estudo das paisagens, não pode ficar apenas na aparência, na manifestação do visível, em que ocorre a valorização da função e da forma através de uma descrição. Trabalhar com a forma e a função espacial não possibilita, necessariamente, um conhecimento que se aproxime, o mais plenamente possível, da interação entre o sujeito e objeto, que revele a gênese. Faz-se necessário, portanto, buscar o processo histórico.

O Espaço Geográfico é o resultado da ação e reação de forças que estão ocorrendo sob os nossos olhares, e algumas vezes, escondidas dos nossos olhares. Daí porque a construção espacial não é semelhante em todos os locais.

Procurando sermos objetivos, a forma e a função de cada local, lugarizadas pelos sujeitos, expressam visualmente a sua especificidade, mas não permitem

por si sós a sua compreensão. São interrogações do tipo "onde", "por que" e "em qual situação", temporalizadas, que possibilitam o trabalho com os aspectos relativos à estrutura e ao processo de formação do espaço e, assim, levam ao entendimento da representação pelas paisagens.

Pensamos que os conteúdos de Geografia que têm sido trabalhados na escola não favorecem, de forma geral, o exercício de operações que abstraem a gênese das paisagens. A paisagem, didaticamente, como é justificado por professores em outras pesquisas já realizadas (CASTROGIOVANNI, 1995), é "esfacedada" em unidades somativas. Aliás, muitos acreditam que somatório é síntese! Como afirma Morin (2000 a p.145), "toda organização que determina e desenvolve especializações e hierarquias determina e desenvolve imposições, servidão e repressões".

Além das dimensões concretas e objetivas, fruto do caráter produtivo e interdisciplinar, o Espaço Geográfico, assim como as paisagens, também possui uma dimensão simbólica. Segundo Costa & Gomes.

O Espaço nunca é transformado a partir de uma intenção perfeitamente determinada e direcionada a uma "função" estanque – assim, quando analisamos o "espaço econômico" ou o "espaço político" na verdade estamos tratando de faces de um mesmo e indissociável fenômeno, que do mesmo modo que corresponde à materialização objetiva de uma "produção" ou de um "poder", envolve também, e simultaneamente, leituras simbólicas suficientemente abertas para incluir

a possibilidade permanente de criação de novos significados (COSTA & GOMES, 1988, p.56).

Estas relações simbólicas e "reais" convivem e, com isso, torna-se impossível analisar a complexidade do processo de materialização espacial sem conhecer provisoriamente esta interação.

Estamos vivendo o fim da modernidade (VATTIMO, 1990). Temos que pensar a história não como um processo unitário, evolutivo, a partir de uma visão eurocêntrica. Deve haver uma retomada do antigo, do original, em detrimento ao culto do novo. Hoje percebemos a emergência da comunicação generalizada, que caracteriza a sociedade como sendo mais transparente e ilustrada, no entanto, isso contribui para tornar mais complexo o entendimento. A comunicação tem substantivado demasiadamente certas paisagens.

Para Harvey (1992), a pós-modernidade que vivemos é uma "condição" que se manifesta mais no âmbito cultural, vinculada às novas formas do capitalismo. A pós-modernidade caracteriza-se por apresentar um capital fictício, além do individualismo, ecletismo, desregulação, jogos de linguagem, textos curtos, etc.

Na pós-modernidade, a função do tempo, fundamental na compreensão do espaço, aparece com recortes estanques. A participação humana, aparentemente, é manifestada não como ação e interação de (re)construções infinitas, mas através de personagens que atuam num palco preparado previamente – a

natureza! É uma participação independente e singular, repleta de vantagens.

Na nossa atividade como professores de estágio curricular em Geografia, conversando com outros professores das redes públicas e privadas, percebemos que, em muitos casos, para muitos deles, os signos não aparentam significações. Tentamos imaginar como deve ocorrer o processo construtivo da Geografia nas situações de ensino, sobretudo quando o principal material à disposição dos professores, o livro didático, por vezes reforça a separação da paisagem em natural e humanizada, o que parece não contribuir para o entendimento da sua complexidade.

Quanto à concepção de espaço na escola, Paganelli (1982) afirma:

As relações sociais engendrando a organização espacial, a dialética da apropriação do espaço passível de ser explicitada no exame das formas de trabalho e propriedade, o valor do espaço (valor criado, um produto do trabalho), são indicações que o texto sobre ontologia do espaço apresenta e que pode auxiliar na construção de uma concepção da noção de espaço no âmbito da Geografia, nas escolas de 1^o grau [...] (PAGANELLI, 1982, p. 46).

A concepção geográfica a ser desenvolvida no trabalho escolar deve, portanto, considerar o espaço como movimento histórico-concreto, em que os conceitos de trabalho, propriedade, cultura, valor, estrutura, processo, forma e função também explicitem a

organização dos sujeitos, ou seja, a construção da própria sociedade.

A partir dessa perspectiva, pontuamos ser essencial o conceito de paisagem, pois dele advém a:

[...] concepção de que os espaços têm uma forma (Paisagem) que expressa o seu conteúdo (o movimento social), de que a Paisagem revela as relações de produção da sociedade, seu imaginário social, as suas crenças, os seus valores, os seus sentimentos (CAVALCANTI, 2010, p. 53).

As paisagens são constituídas de tensões, (re)equilíbrios, prosas e poesias. Dessa forma, a Paisagem é um conceito analítico geográfico que favorece a ampliação, mesmo provisoriamente, dos conhecimentos que a Geografia nos oferece, ampliando o próprio entendimento da sociedade em que estamos inseridos.

Ela nos provoca, quando problematizada com o auxílio do professor, através de reflexões situadas e posicionadas no espaço. Para isso, o professor precisa, além do seu fazer pedagógico autoral, atentar para as diretrizes que estão presentes nos documentos que orientam o componente curricular de Geografia.

É fundamental possibilitar à criança, desde as séries iniciais, a reflexão e a representação, a partir da sua leitura do espaço próximo ou de lugares onde nunca esteve, com os quais ela poderá interagir. Assim ocorrerá a construção de significações diferentes e particulares sobre o mundo e se efetivará um processo de investigação autônoma. A partir do momento em que

a criança passa a estabelecer formas de significação simbólica, não estará apenas fazendo representações próprias da realidade, mas construindo possibilidades de, por si, dar margem à imaginação produtiva e criadora, tornando-se capaz de ver, através dessas representações, bem mais do que ditam as convenções e as casualidades.

Segundo Castoriadis,

[...] nada permite determinar as fronteiras do simbolismo [...] A sociedade constitui seu simbolismo mas não dentro de uma liberdade total. O simbolismo se trava no natural e se trava no histórico (ao que já estava lá); participa, enfim, do racional [...] (CASTORIADIS, 1982, p. 152)

A dimensão simbólica do espaço é temporal e se faz pela interdisciplinaridade. Cada indivíduo, a partir de sua formação, vê o mundo de forma particular, mas necessita da interação com outras áreas para expandir e ampliar essa visão.

A impossibilidade de estabelecer limites para o simbólico faz com que o ser humano esteja sempre em processo de alfabetização, ou seja, em busca do aprendizado de diferentes significações. Tais significações se ampliam na medida em que o mundo passa a ser contextualizado e teorizado com as contribuições dos diferentes campos teóricos que compreendem a totalidade do conhecimento. A Geografia se faz indispensável neste processo, sobretudo por estabelecer um extenso diálogo com outros campos do saber.

A introdução da Hermenêutica nas ciências sociais, na década de noventa do século passado, tenderia a substituir os idiomas do marxismo e do estruturalismo globalizantes, doutrinários e autoritários, que foram predominantes nos anos precedentes (GOMES 1996, SPOSITO 2001). Estrutura-se assim a Geografia Humanista, voltada para a interpretação das manifestações culturais de grupos específicos e do cotidiano urbano. A Geografia Cultural é a denominação dada ao conjunto de trabalhos geográficos que priorizam uma abordagem cultural, que se originaram com os estudos sobre paisagem realizados por geógrafos alemães, franceses e anglo-saxões, (CORRÊA, 1995).

A base filosófica que fundamenta a abordagem humanística-cultural é, principalmente, a fenomenologia de Edmundo Husserl. Assim, o espaço vivido está para a Geografia humanística-cultural como a experiência vivida está para a fenomenologia de Husserl.

Para Husserl (1986) a ideia fundamental da fenomenologia é a noção de intencionalidade. Essa intencionalidade é a da consciência, que sempre está dirigida a um objeto e tende a reconhecer o princípio de que não existe objeto sem sujeito e vice-versa. [...] A intencionalidade é algo puramente descritivo, uma peculiaridade íntima de algumas vivências. Dessa maneira, a intencionalidade característica da vivência determina que a vivência seja consciência de algo (BEZZI, 2002, p.6-7).

Sabemos que para a fenomenologia o conhecimento é oriundo da prática humana, e a percepção do

real é sempre intersubjetiva e histórica, portanto, não há a possibilidade de a racionalidade humana perceber esse real de forma absoluta, a não ser mediatizada pela cultura.

Por sua vez, a cultura age sempre relativizando, nunca determinando uma percepção única e racional. Ela admite que a leitura do mundo comporta interpretações diversas, considerando as diferentes perspectivas e construções teóricas – a paisagem depende do constructo do nosso olhar!

Os geógrafos Cosgrove, (1998) e Claval (2001b), alertando sobre as críticas, enfatizam que a Geografia Cultural não pode ficar nas formas visíveis da paisagem. Cosgrove (1998) propõe, para a sua renovação, a ideia de que a Geografia Cultural deva ler a “Paisagem como um texto cultural”, reconhecendo que “os textos têm muitas dimensões, oferecendo a possibilidade de leituras diferentes, simultâneas e igualmente válidas” (COSGROVE, 1998, p.101).

Com esta posição, o autor propõe três eixos sobre os quais deve-se movimentar teoricamente a Geografia Cultural: **cultura e consciência** – a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos, pelo contrário, tem que ser constantemente reproduzida por eles [...]; **cultura e natureza** – qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de essa transformação poder não estar sempre visível, especialmente por alguém alheio a essa intervenção; cultura e poder

– a maioria das pessoas vive em sociedades que são divididas em hierarquias de classe, casta, sexo, idade ou etnicidade. Tais divisões geralmente correspondem às divisões do trabalho ali estabelecidas.

Segundo McDowell (1996, p.169), a partir da década de oitenta do século passado a Geografia Cultural passou a ter claramente duas correntes: a primeira tomou como foco principal as relações sociais e o significado simbólico, reveladas por ações sociais em um determinado lugar ou localidade, enquanto a segunda enfocava especificamente as paisagens em si. Estes novos geógrafos culturais passaram a ver a paisagem não como neutra, mas sendo o reflexo das relações de poder dominantes, da imposição de maneiras de ver o mundo. Portanto, a “nova” Geografia Cultural traz o reconhecimento de significados contestáveis e divergentes, bem como do caráter temporal e contestável do conhecimento. A chamada Nova Geografia Cultural parece ser a responsável pela reaproximação da Geografia com a cultura, com os valores simbólicos da sociedade e, principalmente, pelo resgate da categoria Paisagem.

O mundo atual apresenta-se aparentemente globalizado, mas é uma globalização complexa, multiescalar. A herança do passado depende de um ideário particular que traz códigos, valores, discursos, representações simbólicas manifestadas pelas paisagens. Na Nova Geografia Cultural, “a memória e o desejo constituem a temporalidade através da qual os lugares

emergem como fenômenos vividos e significativos” (COSGROVE, 1999, p.23). Não podemos esquecer, como sustenta, em outras palavras, Morin (2002a, p. 148), que a diversidade organiza a unidade que organiza a diversidade.

A experiência do presente depende dos eventos individuais e dos eventos coletivos. Como afirma Claval (2001, p. 50), a cultura tem duas dimensões: uma individual, outra coletiva. Não existe uma cultura unificada, pois esta é feita de elementos retransmitidos e reinterpretados permanentemente. A cultura é antes de tudo construções intelectuais. Portanto, a própria (inter)relação sujeito x natureza depende das construções intelectuais.

Para nós, nesse constructo, a natureza e a paisagem não podem ser refletidas a partir de leituras globais, como coisas: são construídas pela sociedade e devem ser analisadas como tais. Cada grupo social ou indivíduo fará uma leitura particular, pois a natureza não está situada no exterior da realidade social, faz parte dela.

Muitas vezes, equivocadamente, o discurso da diferença é colocado como sinônimo de desigualdade e infelicidade! Há disputas, acirramentos, confrontos, deslocamentos, em patamares diferenciados, do local ao global. Há um fluxo de relações sociais e econômicas, da polarização local às redes globais. Há uma nova escala dos constrangimentos ambientais, graças à ideia de que pode se fazer qualquer coisa em qualquer lugar

(CLAVAL, 2002b). Portanto, os estudos geográficos devem contemplar múltiplas escalas, justificando-se assim a necessidade da interpretação também cultural do mundo atual, através da paisagem.



O ESPAÇO GEOGRÁFICO

Expressão de
forma/cultura/lugar

O espaço, segundo Santos (1994b, p. 26), deve ser considerado como: “[...] um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.” Pensamos, neste momento, que o espaço também pode ser entendido através das formas. Aliás, parece ser a visão dissociada que muitos sujeitos têm, entre os objetos e a vida, um dos grandes problemas para a prática de uma leitura complexa e sustentável do espaço. Segundo o mesmo autor,

O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração de conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual

frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social (SANTOS, 1994b, p. 26-27).

Com isso, o conteúdo corporificado do espaço, por intermédio da cultura de cada sociedade, constrói formas e nominalismos que, transformados em realidade, estão associados às Imagens navegadas através dos processos comunicacionais, administrados pelos sujeitos. O lugar parece nascer das formas com as suas frações de sociedade, ou seja, a sociedade já embutida nas formas geográficas, oriundas do despertar/agir dos sujeitos, enquanto autores e representantes sociais, portadores de uma cultura.

Parece ser a ação humana, com sua riqueza cultural, que gera a organização do espaço. É ela que, empregando a produção de sentido que as Imagens possuem, (des)favorece a existência das formas e dos nominalismos que constituem o lugar. O valor, atribuído às formas e nominalismos que compõem os lugares ou entrelugares, depende dos valores que a sociedade a si mesma atribui. Esta valorização parece estar inserida na complexidade da globalização.

O Espaço Geográfico, na sua complexidade, é social. Ele é a materialização da organização ou da desorganização das sociedades ao longo dos eventos que sinalizam a história. A cada evento, as formas e os nominalismos que o espaço apresenta se recriam. O espaço geográfico também é uma criação social. A

comunicação, através da (re)construção de imagens, parece ser o caminho para esta (re)criação dos lugares.

Para Santos:

O espaço deve ser considerado ainda como um conjunto de relações realizadas através de funções e de Formas [...] se define como um conjunto de Formas representativas de relações sociais do passado e do presente, e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos, e que se manifestam através de processos e de funções (SANTOS, 1980, p. 122).

A forma passa a ter valor social quando é contextualizada a partir das representações sociais que a originaram, ou seja, da cultura. Em qualquer sociedade, há uma cultura que viabiliza a construção, a leitura, a apropriação e o aproveitamento das formas, que, por sua vez, singularizam os lugares. Há uma *produtividade* espacial dos lugares, através das formas. Por isso, é importante o conhecimento multidisciplinar, pois ele possibilita uma visão de mundo que vai além das formas em si. Por outro lado, no caminho que o sujeito trilha para a compreensão das relações que as formas, a princípio, encerram, deve estar presente a incerteza. As incertezas, que (re)contextualizam as formas e tornam o espaço geográfico dinâmico, parecem ser fundamentais para a valorização do lugar.

A necessidade que os sujeitos possuem da certeza, muitas vezes, cega as verdades que as imagens podem trazer ocultas sob as formas e os nominalismos, na leitura do espaço geográfico.

Por forma, entendemos o *aspecto visível, exterior de um objeto ou situação*. Podemos dizer que é a geometrização do objeto e que pode ocorrer em diferentes escalas. A forma parece ser o *fenótipo* do lugar.

A forma está associada, diretamente, à função, ou seja, tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto, inserido no tempo. Isso compreende que o objeto, no que consta do visível, apresenta uma forma ou se *formaliza* desempenhando uma função. Esta formalização é uma (re)construção/tradução feita por sujeitos numa determinada cultura e num determinado tempo. Em que tempo as formas, que hoje estão substanciadas na imagem e no nominalismo dos lugares, podem ser despertadas nos sujeitos, através de uma Geografia das emoções? Há/deve haver formas em quaisquer lugares que demonstram a cidade estar globalizada, ou não? Parecem ser inquietações interessantes, que podem ser valorizadas no ensino da Geografia.

Os objetos e os sujeitos estão organizados entre si, criando uma comunicação dos lugares, ou seja, possuem uma estrutura comunicacional inserida num movimento sem fim – em um processo. É na esfera da forma e da comunicação, imagem e nominalismo que se constroem as paisagens.

Em outras palavras, no ato teórico, sujeito e objeto são uma só coisa, pois o sujeito não pode aparecer senão como objeto, existindo, também, através do processo comunicativo entre a forma e a comunicação,

enquanto imagem e nome. Assim, o espaço geográfico só existe pela(s) forma(s) que assume na ação comunicativa que ocorre no lugar(parte) e entre os lugares(todo), num contexto de dialogicidade.

O espaço geográfico pode ser entendido enquanto abstração, como sendo o lugar que possui forma em si, executada a partir da relação espaço-temporal, num processo de comunicabilidade complexa. Esta forma, que se apresenta sempre diferente, que caracteriza e faz existir a Geografia, é produzida pelos sujeitos, mas nem sempre para os próprios sujeitos que localmente a produziram. A cidade pode, também, ser *situada* socialmente a partir de suas formas, portanto presa às diferentes relações que lhe são inerentes.

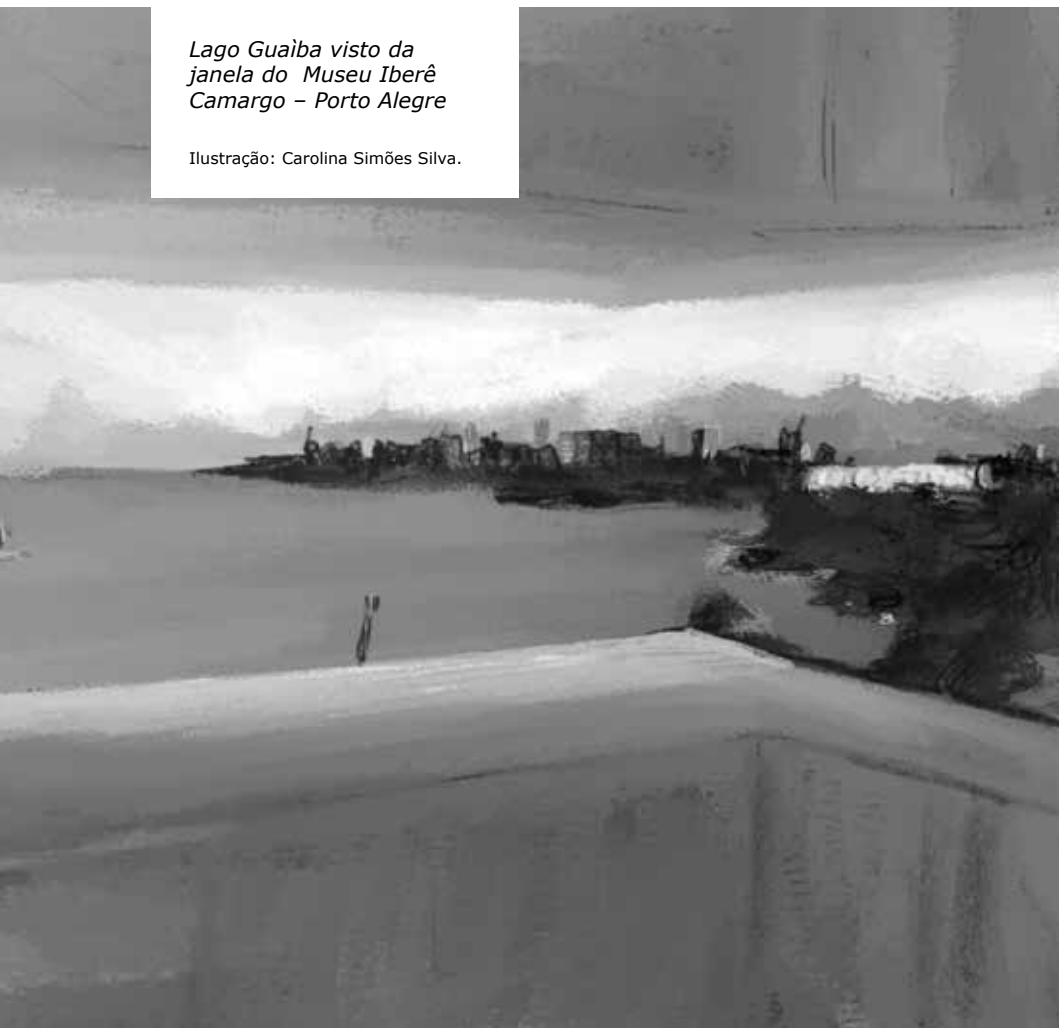
Não esqueçamos que há relações entre os sujeitos, entre os sujeitos e os objetos, e muitas dessas relações foram/são materializadas a partir das formas. Relações estas que propiciam a existência do próprio lugar. Mas há, também, relações entre/com os diferentes lugares, relações que igualmente participam do modo pelos quais estes lugares são construídos. O caminho como essas relações entre os lugares é estabelecido parece originar imagens, criando assim novos significados, que, por sua vez, favorecem o surgimento de outros diversos sentidos.

É importante sabermos que, para conhecermos o espaço, devemos compreender as relações que são ali estabelecidas, sendo este um (re)aprendizado incessante, pois o espaço é dinâmico e tende

a acompanhar o movimento social. A globalização, confundida também com dinamismo social, tem, por um lado, provocado significativos movimentos, mas por outro tem limitado as formas da manifestação desse processo de conhecimento dos espaços. Pensamos ser importante sempre apreciarmos como se conduz esse dinamismo e os impactos da globalização, no conhecimento da forma dos lugares e territórios.

*Lago Guaíba visto da
janela do Museu Iberê
Camargo – Porto Alegre*

Ilustração: Carolina Simões Silva.



PROFESSORES, PRECISAMOS FALAR SOBRE PAISAGEM...

O conceito de paisagem não é de uso exclusivo da Geografia, porém sempre teve grande importância na disciplina. A "Paisagem" se constitui como um conceito chave no ensino da Geografia, conforme apontam Corrêa e Rosendhal (1998).

A Geografia, enquanto ciência, busca possibilitar a compreensão do mundo em que vivemos, ancorada em uma abordagem pautada nas ações humanas das mais variadas sociedades existentes no planeta. Paralelamente, ela corrobora para a criação de uma identidade única na relação entre indivíduos e territórios, que se manifesta sob diferentes formas.

Quando falamos sobre paisagem, quais são as imagens prováveis que surgem no pensamento? Distantes de definições conceituais, as imagens geralmente

apontam para locais cujos atributos perceptíveis relacionados à beleza estética possuem destaque: uma praia de águas límpidas, montanhas verdejantes, cenas da arquitetura de um ambiente urbano. Essa parece ser a dimensão, talvez um tanto idealizada, cotidianamente atribuída à paisagem. Ao realçar criticamente esses aspectos, não queremos asseverar que a paisagem não possa ter essa configuração. Pelo contrário, desejamos demonstrar que a paisagem, além de assim se configurar ou ser representada, possui outras múltiplas interpretações e significados.

O conceito de paisagem em Geografia inicia-se com os clássicos. É com Von Humboldt (1796-1859), naturalista alemão dos séculos XVIII e XIX, e com seu contemporâneo Carl Ritter (1779-1859), que a concepção de paisagem começa a se estruturar. Ambos concebiam a paisagem como um fenômeno a ser descrito, não havia a compreensão da unidade homem-natureza, ressaltando-se a visão antropocêntrica de Ritter, para quem o homem é o sujeito da natureza.

Do ponto de vista clássico, a geografia compreende a paisagem como algo materializado no espaço, sendo geralmente relacionada unicamente ao seu alcance visual. A ideia de uma paisagem estática começa a se modificar com Vidal de La Blache (1845-1918), na segunda metade do século XIX. Para esse geógrafo, o homem era um ser ativo, que transformava o meio segundo suas necessidades. Ratzel (1844-1904), por sua vez, possuía uma visão determinista,

que entendia o homem como resultado do meio em que vivia.

Já na Geografia contemporânea, o conceito de paisagem é percebido por meio de inúmeras dimensões, possibilitando certa polissemia, de acordo com o foco e abordagem epistemológica utilizados, a partir do olhar dos pesquisadores e leitores. Assim, podemos compreender a Paisagem a partir de diferentes aspectos, buscando, na multiplicidade do conceito, encontrar a totalidade de elementos que o compõem.

Porém, cabe destacar que, nessa busca, não podemos cair no erro de realizar uma mera junção de elementos geográficos. Conforme alerta Bertrand (2004 p. 141):

A Paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da Paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. A dialética tipo-indivíduo é próprio fundamento do método de pesquisa.

A paisagem opera como um dos principais demonstrativos da forma como os sujeitos, em sua relação com a natureza, se apropriam do espaço, modificando-o e adequando-o conforme suas intenções, necessidades, crenças, enfim, a sua cultura.

Ela demonstra formas observadas e interpretadas de acordo com o sujeito que a experiencia. Mas ela, por si só, não é autoexplicativa. Daí, parece ser fundamental o trabalho com a noção de que a paisagem vai além do olhar, daquilo que os olhos podem enxergar. Nós percebemos o mundo através dos nossos sentidos, os quais são limitados pelos elementos culturais e sociais que nos formam ou identificam.

Uma das múltiplas potencialidades deste conceito está na possibilidade de interação entre os vários sentidos. As paisagens contêm formas e cores, mas dentro destes elementos também estão presentes sons, cheiros e sabores que podem enriquecer e aprofundar nossas perspectivas, propiciando a análise da paisagem enquanto resultado da manifestação aparente das espacialidades, ou seja, enquanto imagem.

A imagem é a comunicação não-verbal das formas que constituem as paisagens. Muitas das formas são comumente valorizadas/desvalorizadas, por um processo que envolve também a globalização dos valores culturais. A questão é: qual imagem é atrativa e qual imagem é repulsiva. Outra grande questão que nos desperta: como lidar com a comunicação, para dar sentido às paisagens que retratam as espacialidades e que são produzidas a partir das formas que constituem o Espaço geográfico? E, neste sentido, como construir imagens que façam objetivamente existirem as paisagens, sem desconsiderar as suas singularidades?



*Ponte Getúlio Vargas
- Porto Alegre*

Ilustração: Carolina Simões Silva.

AS FALAS DA PAISAGEM¹

Na Comunicação do/no Espaço Geográfico, para suscitar uma fascinação, as paisagens se traduzem por imagens. As imagens se formam como abstrações das espacialidades, razão pela qual a Geografia ali se faz presente. As imagens têm sido muito valorizadas na contemporaneidade, superando, muitas vezes, a escrita. Embora, na ordem da percepção, elas não solicitem o mesmo tipo de consciência.

Barthes (1990) acredita que a palavra *imagem* esteja ligada etimologicamente à raiz do termo latino *imitari*. De modo geral, a imagem é vista, de modo geral, como um centro de resistência ao sentido, como

1 Uma parte das ideias aqui apresentadas são uma revisitação do publicado em Kunz e Castrogiovanni (2022).

uma representação. Mas é ela que nos evidencia a existência das paisagens.

Em princípio, toda imagem é/pode ser vista como uma similaridade ou aparência da realidade espacial, ou seja, das diversas formas pelas quais o espaço se apresenta. Isto pode ser compreendido se desconsiderarmos tudo aquilo que está além ou aquém do modo como *algo* se apresenta aos nossos sentidos. Barthes (1990, p. 38-39), através da Semiologia, afirma que:

A Imagem, em sua conotação, seria assim constituída por uma arquitetura de signos provindos de uma profundidade variada de léxicos (de idioletos), cada léxico, por mais profundo que seja, sendo codificado, [...]. A língua de Imagem não é apenas o conjunto de palavras emitidas [...], é também o conjunto de palavras recebidas: a língua deve incluir as surpresas do sentido.

Portanto, considerando o ângulo da significação, a imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma cadeia flutuante de significados. O sujeito pode escolher alguns e desprezar outros. Entendemos que, em qualquer sociedade, há códigos culturais que viabilizam a leitura, a apropriação, a construção de significados, referentes aos lugares que se constituem, a princípio, pelas possibilidades que as paisagens nos oferecem.

Assim a Imagem é, de certa maneira, o *limite* do sentido que os sujeitos constroem. Como o sentido chega à imagem e onde termina o sentido, são questões que merecem nossas reflexões.

As imagens suscitam uma fascinação pelas paisagens, pela possibilidade de apropriação direta das espacialidades; já as palavras escritas necessitam de um significado que as justifiquem. A imagem é plena, pode se tornar um sistema saturado; a palavra é fragmentária, é um sistema disponível, mas incompleto. Reunidas, a segunda absorve a primeira, tornando-a também dependente de um significado:

[...] a Imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, impõe a significação de uma só vez, sem analisá-la, sem dispersá-la. [...]. A Imagem transforma-se numa escrita, a partir do momento em que é significativa: como a escrita, ela exige uma léxis. (BARTHES, 1980, p. 132).

No caso do Espaço Geográfico, as imagens que retratam as paisagens parecem nos embriagar, pois elas despertam emoções, sentimentos, fascinação; a palavra serve para balizar as emoções, os sentimentos e o fascínio. Ela é um sistema limitante das imagens que nos possibilitam sentir as paisagens.

Ainda segundo Barthes (1990), o mundo dos sentidos está dividido internamente entre o sistema (como cultura) e o sintagma (como natureza). Todas as obras de comunicação reúnem, por meio de dialéticas diversas e diversamente performantes, a fascinação de uma natureza – da narrativa, da diágene, do sintagma – e a inteligibilidade de uma cultura. Esta cultura refugia-se em alguns símbolos descontínuos, de que os sujeitos declinam, sob a proteção da palavra viva.

Todo esse processo advém do caldo cultural de cada sociedade e provoca uma operatoriedade entre as imagens literais, que são denotadas, reveladas por meio direto de sinais, e as conotadas, que são resultados da associação entre ideias e símbolos relacionados à cultura. Portanto, a imagem conotada é uma Imagem simbólica que densifica ainda mais a possibilidade de atribuímos sentido às paisagens.

Nesse ínterim, o mapa e as paisagens se constituem como termos fortemente pictóricos, e ao propiciarem o trabalho com imagens, conectam a Geografia com o sentido humano da visão (COSGROVE, 2008). Contudo, o mapa apresenta os dados em duas dimensões, enquanto a paisagem possibilita a visão em três dimensões (PANIZZA, 2014). No caso do mapa, a narrativa e descrição escritas mantêm-se como representações cartográficas na prática geográfica. O gráfico pode tanto assumir o modo textual quanto o pictórico, mas especialmente durante o século XVIII a adoção do “estilo plano” na cartografia acabou por remover o pictórico, o textual e outros dispositivos “decorativos” do mapa; até então, as imagens se faziam presentes com mais frequência (COSGROVE, 2008).

Como afirma Gomes (2013), hoje as paisagens estão onipresentes, seja em imagens de descansos de tela, painéis decorativos, fotografias turísticas, mas também na observação dos belvederes, torres panorâmicas, rodas gigantes, entre outros. Assim, as imagens são consideradas “como representações

visuais, assentadas sobre diferentes suportes, contando com forma e conteúdo, de objetos, pessoas, de sítios e de seus correlatos significados” (GOMES, 2013, p. 27).

Cosgrove (2008) também associa fortemente as paisagens com as representações imagéticas. Para ele, a visão ativa é inescapável ao próprio fazer científico da Geografia, campo em que a conexão entre paisagem e visão continua forte e poderosa. Daí “o reconhecimento do papel desempenhado pelas imagens e pela imaginação em moldar os modos que a informação e o entendimento geográficos são constituídos e circulam em seus efeitos materiais” (COSGROVE, 2008, p. 8, tradução nossa).

Entretanto, de modo crescente, as imagens são consideradas, por alguns, como estáticas, mediadas, distanciadas e restritas ao cotidiano das atividades corporificadas. Para estes, devemos lembrar que o olho também é parte de um corpo “de carne e osso”. Por fim, defendemos prestar atenção nas complexas conexões existentes entre ver, imaginar e representar geograficamente o mundo (COSGROVE, 2008).

Se há relações entre imagens e posições ocupadas no espaço, como a disposição espacial eventualmente colabora para o fenômeno da visibilidade?

Para Gomes (2013, p. 33), a visibilidade “é um fenômeno com uma incontornável geograficidade”. O campo visual e/ou campo de expressão (de uma paisagem, por exemplo) formam uma visibilidade, que

por sua vez determinará as representações visuais. Conforme este autor, há certa dialógica¹ entre visível e invisível (ou invisibilizado), na qual “a visibilidade é construída pela distribuição desigual do interesse por aquilo que é olhado [...] [em oposição] ao seu inverso, o invisível.” (GOMES, 2013, p. 34). Em outras palavras, imagens e objetos tornam outras imagens e outros objetos desinteressantes, invisibilizando-os.

Gomes (2013) articula distintos elementos da visibilidade, como posição (não absoluta), distância, ponto de vista, ângulo, etc. A máxima é a de que toda observação – item relevante para existir uma paisagem – pressupõe distância; esta é sempre uma questão de posição, que depende do lugar no espaço. E o fato de um objeto ou evento estarem invisíveis não significa necessariamente que não existam.

Um dos primeiros aspectos a serem desvendados no fenômeno da visibilidade, e que se estende ao das paisagens, é o ponto de vista, “um dispositivo espacial (posicional) que nos consente ver certas coisas” (GOMES, 2013, p. 19). Portanto, a compreensão daquilo que podemos ver está subordinada a uma “contingência de posições” (GOMES, 2013, p.20).

Um outro aspecto a ser realçado é a composição, “um conjunto estruturado de formas, cores ou coisas”, que nas Artes caracterizam a imagem, “ou

1 Princípio da Complexidade de Edgar Morin (2015a), em que os antagonismos ou dualidades são vistos em complementaridade dinâmica.

seja, diversas coisas figuradas têm uma estrutura que as associa dentro do mesmo enquadramento. A paisagem é também, nesse mesmo sentido, sempre uma composição” (GOMES, 2013, p. 22). É sempre um “jogo de posições”, marcada por uma espacialidade ou “padrão de dispersão”, na medida em que está condicionada a uma “ordem espacial” (GOMES, 2013).

Um terceiro elemento de visibilidade seria a exposição, definida pela situação espacial em combinação com a posição de exterioridade. Compreendemos nosso entorno delimitando coisas e porções do espaço, a partir de uma “classificação que institui o que deve ser escolhido” (GOMES, 2013, p.23). Ressaltando que lugares (e paisagens) de exposição são lugares de visibilidade por excelência e de legitimidade reconhecida. Um exemplo é o espaço público (pós) moderno, em que socialmente se estabelecem lugares de prática dessa (in)visibilização (GOMES, 2013).

Os geógrafos clássicos, na condição de observadores, consideravam que a diversidade terrestre tinha, a um só tempo, duas fontes de prazer: uma, da sensibilidade estética em si; e a outra, da compreensão dos fenômenos estudados propriamente ditos. É com isso em mente que Gomes (2013) elabora e justifica a referida ideia de **regimes de visibilidade**, na condição de protocolos modulados por uma espacialidade. Associada a essa ideia, também defende uma “**Geografia do olhar**”, que discute “sobre o que deve ou não ser visto naquele lugar. Ela nos informa sobre o

estatuto e a compreensão possível para as coisas que ali se apresentam, sua importância e seu sentido.” (GOMES, 2013, p. 52).

De todo modo, no ato físico de **olhar**, as imagens estão sempre operando simultaneamente, de modo a mostrar e esconder determinados elementos. Somos capazes de ver somente aquilo que extraímos de um fluxo contínuo do olhar. Esse ato físico do olhar se mostra pouco criterioso, e se realiza a partir de um interesse homogêneo e generalizado: “O olhar percorre e não se fixa” (GOMES, 2013, p. 31).

Especificamente quanto ao funcionamento psicofisiológico do nosso sentido da visão, sabemos, através dos estudos de Morin (2015b), que esse opera:

[...] uma estratégia de reconhecimento da identidade através da mudança e uma estratégia de determinação da mudança através da identidade [...] As variações/diferenças recebidas/analizadas pelos receptores sensoriais são codificadas/transmitidas sob a forma de outras diferenças em que os neurônios codificam a magnitude, não a natureza das perturbações sentidas [...] O nosso cérebro só reconhece o mundo exterior através das variações/diferenças, e os receptores sensoriais são, cada um à sua maneira, sensíveis a variações de estímulos: – químicos (olfato, paladar); – mecânicos (tato, audição); – luminosos (visão). (MORIN, 2015b, p. 118).

A visão é sempre um termo complexo de se analisar, por incorporar tanto o ato ocular de registrar o mundo exterior, quanto os significados mais abstratos

e imaginativos, em termos de criação e projeção de imagens diversas. Há modos de ver, os quais podem variar de acordo com o sujeito, gênero, cultura. Esses modos de ver formam em si uma abordagem específica da paisagem em Geografia, delimitada pela Nova Geografia Cultural, em paralelo com a Fenomenologia, que se faz presente na Geografia Humanística (WYLIE, 2007)

No panorama de uma grande cidade (podemos chamar de *skyline*), de visualização predominantemente vertical, tudo parece fixo, de certo modo acabado, em que não é possível visualizar movimento, tampouco visualizar práticas ou performances de seus habitantes e turistas. Contudo, é exatamente a mobilidade que parece definir muito do como as cidades funcionam. Por outro lado, se visualizamos especificamente uma esquina, ou uma praça, podemos observar as práticas, as performances, os usos, as apropriações cotidianas. Nessa condição, pode parecer que não estamos visualizando uma paisagem propriamente dita, uma paisagem arquetípica.

As Figuras 1 e 2, a seguir, procuram demonstrar essas questões. Na primeira foto, que bem poderia ser a de um cartão-postal, o distanciamento do objeto promove a visualização do conjunto: não conseguimos verificar o movimento pulsante da cidade. Na mesma figura (1) está destacado o ponto visto em detalhe na Figura 2, sua localização no *skyline*, sem atentarmos

para a escala gráfica. – lembrando que é possível identificar o prédio em frente sob diferentes ângulos.

A Figura 2 não permite a visão do conjunto da cidade, mas nos permite apreciar as relações sociais na mobilidade cotidiana. A acessibilidade físico-visual e a simbólica incidem sobre a fruição dos espaços públicos. Os distintos modos de transporte, que desempenham diferentes funções, acabarão servindo não somente de acesso aos atrativos turísticos, ou à mobilidade (intra)urbana, mas constituem experiências turísticas diferentes (ALLIS, 2010). Enquanto paisagem, sobrevoar uma cidade é diferente de caminhar a pé, que é diferente de andar de carro, que é diferente de andar de bicicleta pela mesma cidade. A experiência turística em geral, e a da paisagem em particular, alteram-se substancialmente. Ou seja, há que se considerar as distintas sensibilidades envolvidas na fruição de uma paisagem (urbana ou não) por parte de turistas e moradores locais.

Na última figura, diferentemente da primeira, há mobilidade a pé, por carro, de bicicletas: as pessoas, os veículos, as vias e demais objetos fixos fazem a cidade acontecer cotidianamente, de modo dinâmico.

Figura 1 – *Skyline* da cidade de Chicago, Estados Unidos



Fonte: Young Professionals of Chicago (Disponível em: <<https://www.ypchicago.org/home/chicago-skyline-1/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.



Ilustração feita por Carolina Simões Silva, a partir de Young Professionals of Chicago (Disponível em: <<https://www.ypchicago.org/home/chicago-skyline-1/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

Figura 2 – Vista da Av. Michigan e Millenium Park, em Chicago, Estados Unidos



Fonte: Google Street View (Disponível em: <<https://www.google.com.br/intl/pt/street-view/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.



Ilustração feita por Carolina Simões Silva, a partir de Fonte: Google Street View (Disponível em: <<https://www.google.com.br/intl/pt/streetview/>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

Há métricas pedestres e métricas automobilísticas, ambas configurando distâncias e modos de deslocamento, bem como distintas relações com o espaço público. As automobilidades lidam com um olhar menos cuidadoso em relação aos objetos e fluxos urbanos, seus usos, significados e contextos. As métricas pedestres requerem atravessamento das métricas dos carros, e o corpo humano relaciona-se de modo diverso com o ambiente (LÉVI, 2001). Distintas métricas, e distintas escalas propiciarão diferentes experiências do espaço público urbano, bem como outras percepções e apreensões da paisagem.

No contraste entre as duas últimas figuras, vemos a primeira como dotada de distanciamento, e a outra, de proximidade e imersão. Já as ilustrações são repletas da expressão subjetiva do artista.

Enfim, ainda relacionado à análise das imagens, podemos dizer que elas articulam diferentes escalas e dinâmicas, estabelecidas pelas potencialidades e limitações do sentido humano da visão, que não está destituído de um corpo, do qual faz parte.



*Morro D Polícia
– Porto Alegre*

Ilustração: Carolina Simões Silva.

SE A PAISAGEM NÃO É SÓ IMAGEM, ENTÃO O QUE É PAISAGEM?

Uma das definições mais recorrentes na Geografia sobre o que é paisagem é a de Milton Santos. Ele compreende que Paisagem não é um mero sinônimo do conceito de espaço, sendo ela uma materialização do espaço geográfico através da forma. Para Santos (1997 p. 83):

Paisagem é o conjunto de formas, que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. [...] A paisagem se dá como conjunto de objetos reais-concretos.

Nessa perspectiva, podemos perceber que Santos concebe a paisagem para além do tempo, como um sistema material que possibilita a união de objetos do passado e presente.

O pesquisador Cosgrove (1999) afirma que a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo, enquanto criação racionalmente ordenada, agindo indiretamente como guia nos processos de alteração do meio. O autor visa destacar as possibilidades que a paisagem apresenta na criação de diferentes significados, extrapolando um caráter meramente morfológico, atingindo assim o mundo do simbólico.

Cosgrove (1999, p.100) nos lembra ainda que a paisagem é um conceito chave para a ciência, ela nos permite perceber que “a Geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de alegria e de sofrimento, de acertos e erros”. Parece ser a paisagem que nos permite sentir as diferentes espacialidades que dão um sentido dinâmico para a existência da Geografia.

Um dos autores mais relevantes do início do século XX, Carl Sauer (1889-1975), concebe a singularidade da paisagem pelas ações que nela ocorrem. Para ele, a Paisagem Natural é o resultado do tempo geológico, e a Paisagem Cultural a atuação do homem naquela paisagem original, por meio de sua cultura.

A Paisagem cultural é modelada a partir de uma Paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a Paisagem cultural o resultado. Sob a influência de uma determinada cultura, ela própria mudando através do tempo, a Paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término

do seu ciclo de desenvolvimento. Com a introdução de uma cultura diferente, isto é, estranha, estabelece-se um rejuvenescimento da Paisagem cultural ou uma nova Paisagem se sobrepõe sobre o que sobrou da antiga. A Paisagem natural é evidentemente de fundamental importância, pois ela fornece os materiais com os quais a Paisagem cultural é formada. A força que modela, entretanto, está na própria cultura (SAUER, 1998, p.59).

Nesta concepção cultural de Sauer, a morfologia da paisagem se dá pela ação humana, por meio da cultura, que nada mais é do que o modo como um grupo humano se apropria do espaço (neste caso o meio físico) e o transforma para atender às suas necessidades. No entanto, o autor ainda apresenta a distinção entre ser humano-natureza, mas depositando na cultura o papel de principal agente modificador do ecúmeno. Na esteira do pensamento de Sauer, a Geografia Cultural, com Berque (1998), aprofunda a concepção de que a paisagem é produto de uma cultura. Para tanto, o autor afirma que a paisagem é marca e matriz. É marca na medida em que expressa uma civilização, e é matriz, pois é determinante na concepção e representação cultural do espaço:

É preciso compreender a Paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. E por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência (BERQUE, 1998, p. 86).

A ideia que Berque traz sobre paisagem remete-nos à recursividade de Morin (2011). Ao considerar a paisagem como produto (marca) da ação de uma cultura e como produtora (matriz), observamos a concepção de uma autoprodução da paisagem no pensamento do autor. Essas interrelações exprimem a complexidade que está presente na constituição da paisagem e o caráter simbólico que carrega.

Os autores Sauer (1998), Berque (1998) e Cosgrove (1999) são representantes de uma vertente humanista da Geografia, denominada de Geografia Cultural, que atribui à cultura de um grupo a força transformadora e criadora da paisagem. Contudo, somente a cultura é, sob nosso ponto de vista, insuficiente para explicar um conceito tão complexo e polissêmico. Apresentamos essas concepções a fim de incorporá-las aos mecanismos de atuação de uma cultura na produção de uma paisagem, pois pensamos ser este um dos elementos auxiliares fundamentais na leitura da paisagem.

Além dos geógrafos de inclinação cultural, outras correntes da Geografia também contribuem, através de outras perspectivas, para a compreensão da paisagem. A fenomenologia na Geografia tem em Eric Dardel um de seus autores mais singulares. Dotado de uma escrita particular e até mesmo poética, Dardel (2011) analisa a paisagem sob uma perspectiva intimista, particular, do indivíduo. Para ele, a Geografia pode ser a maneira pela qual o homem, individualmente ou

coletivamente, exprime seu Ser no mundo, a maneira de se encontrar. E é através de como constrói e transforma a paisagem que o sujeito fala de si:

A Paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua *geograficidade* original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue (DARDEL, 2011, p. 31).

Segundo Dardel (2011), a paisagem não é meramente contemplativa ou uma justaposição de elementos, constitui uma fala de ser humano para ser humano, os seres do passado para os do presente. Traduz espacialmente os conflitos de cada época, é a manifestação da humanidade no mundo: “[...] a paisagem pressupõe uma presença do homem, mesmo lá onde toma a forma de ausência. Ela fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circunspecta e atarefada” (DARDEL, 2011, p.32). Então, a contribuição de Dardel vai além da análise do ser humano sob o aspecto social e coletivo, mas abarca a expressão do ser humano de forma integrada com a sua morada, o seu planeta.

No entanto, acreditamos que Verdum (2012) apresenta uma ideia ainda mais apropriada de paisagem, pois, ao fundir elementos materiais da paisagem

com a subjetividade individual e coletiva, consegue transitar do concreto ao abstrato com propriedade:

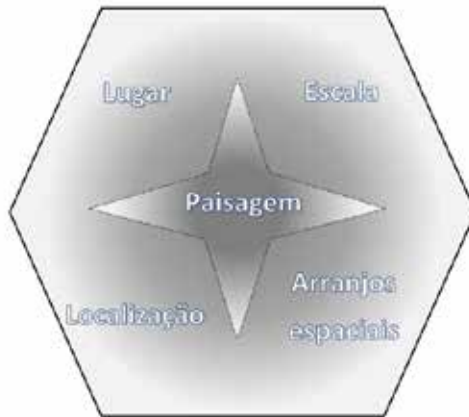
A Paisagem é o concreto, ou seja, a coisa real, mas, ao mesmo tempo, é a imaginação, a representação destas coisas, as imagens. Cada um de nós, de acordo com nossa trajetória, nossa consciência, experiência, vê as paisagens de forma diferente e única. Cada um constrói seus conceitos que vão refletir em suas ações e olhares, mas estes olhares estão concebidos a partir de uma matriz cultural, do coletivo das pessoas de uma determinada sociedade humana (VERDUM, 2012, p.18).

Ainda segundo o autor, a paisagem “é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza. Neste sentido, a paisagem mostra a história da comunidade de um determinado lugar” (VERDUM, 2012, p. 21). A paisagem é sempre viva, ainda que possa ser silenciosa!

A paisagem não é constituída somente de elementos visíveis, mas também sonoros e olfativos. Existem paisagens onde alguns sons são mais distinguíveis que outros, dado pelo nível de ruído. É o que define Schafer (2001), quando distingue as paisagens sonoras como *hi-fi* e *lo-fi*. A paisagem sonora (*hi-fi*) é aquela na qual os sons não se sobrepõem, podendo ser distinguidos mais facilmente; a paisagem sonora (*lo-fi*) constitui-se de um emaranhado de sons que se sobrepõem, não sendo possível diferenciá-los, fazendo com que se perca a perspectiva de distância.

Tendo em vista o que apresentamos até o momento, a paisagem é um conjunto de formas e relações que se materializam no Espaço Geográfico. Compreendemos que o formulado até o momento é muito amplo, e a paisagem é mesmo assim. Mas para que possamos fazer uma leitura complexa da paisagem, mesmo que provisoriamente, devemos também analisar algumas espacialidades que formam uma paisagem. A Figura 3, a seguir, pode sintetizar aquilo que pensamos:

Figura 3 – Esquema representativo da Paisagem



Fonte: Os autores.

A Figura 3 representa a paisagem como a materialização das espacialidades, uma síntese. Tais elementos conjugados formam o que é a face visível da paisagem. Pensamos que é uma compreensão

adequada do que está envolvido na produção da paisagem, devemos (re)conhecer as espacialidades envolvidas nesse processo. Assim, iremos abordar individualmente cada uma das espacialidades apresentadas na figura, a fim de facilitar a identificação e compreensão de cada uma delas. Devemos lembrar de que não atuam isoladamente, mas sim em conjunto.

QUAL O LUGAR DO LUGAR NA PAISAGEM?

Ressaltamos, neste momento, que dentre as relações que os sujeitos e a sua coletividade estabelecem com o espaço que habitam, o lugar ocupa uma posição destacada. É a partir dessa premissa que podemos buscar compreender provisoriamente a relação que o indivíduo mantém com o espaço que habita. O que se estabelece não é uma ligação meramente econômica e de reprodução social, que pode até vir a ocorrer, mas a relação indivíduo-espaço construída é mais afetiva do que utilitarista.

A relação que o sujeito estabelece com o lugar tem como ponto de partida as experiências e vivências estabelecidas ali. Para apropriar-se do espaço e senti-lo, os seres humanos utilizam os seus cinco sentidos. É através destes que perceberão o espaço na

sua completude. A visão, a audição, o olfato, o tato e o paladar, em simbiose, apreenderão o espaço, como sensores do mundo exterior. A partir dessa vivência física, e o lugar só se constitui nessa condição, o sujeito desenvolverá uma relação de afetividade ou rejeição.

Ao vivenciarmos os espaços, mediados pelos sentidos, construímos nossas noções de pertencimento. Na medida em que essas relações se adensam, afloram sentimentos e sensibilidades próprias ao espaço vivenciado, decorrendo daí a construção da noção de lugar. No entanto, como estimular a sensibilidade de um estudante, inserido no contexto de uma realidade voltada ao mecanicismo, para o pensar e o fazer do Espaço Geográfico? Uma preocupação ainda anterior seria considerarmos quem são os sujeitos que ensinamos e com quem também aprendemos, bem como qual o sentido que estes têm dado à Geografia.

Nesse (con)texto, questionamos como levar os estudantes a estarem atentos aos conceitos de uma maneira integrada com as suas vidas, atribuindo sentido às reflexões feitas no processo de aprendizagem. E como vencer os desafios, ao encontramos entre nossas classes escolares, muitas vezes, uma grande apatia, motivada pela realização das suas rotinas de maneira burocrática e mecanizada.

O ato de aprender, nessas circunstâncias, torna-se um mero cumprimento de tarefas preestabelecidas, sem necessariamente haver uma reflexão sobre elas, caracterizando um certo "fordismo escolar", guardando

semelhanças com o modelo de produção industrial: conforme os “sinais” dados muda-se o componente curricular, sem necessariamente mudar a função dos sujeitos que ali coexistem. Há ainda uma lógica de repetição de tarefas em massa, nossos estudantes parecem reproduzir este circuito em uma “esteira” curricular, na produção de trabalhos que não convidam os jovens a dialogarem com todo o processo.

Tendo em conta que o Lugar é uma das espacialidades essenciais para a compreensão da paisagem, e sendo este conceito embasado pela vivência, pensamos que abordá-lo de modo que faça sentido para o estudante seja o caminho correto a seguir.

A vida dos sujeitos, na relação com o espaço, compreende inúmeras esferas. Segundo Tuan (1974), as relações que os sujeitos mantêm com o espaço próximo, através da vivência e experiência, é denominada de topofilia, significando o apego e o amor aos lugares. O desenvolvimento de sentimentos dos sujeitos em relação aos lugares pode variar, conforme o ambiente em que transitam. Paul Claval (2010) define as diferentes relações que os sujeitos mantêm com os ambientes (o trabalho, a casa, a vizinhança...) como o “habitar”, e segundo ele, tantas são as nossas experiências quanto o número de lugares que habitamos.

A Terra, como base, ou sentido, da existência do sujeito enquanto Ser é, para Dardel (2011), a geografia que experimentamos na relação com o espaço. Para o autor, não escolhemos determinado lugar como

“nosso”, pois a relação de afetividade subjetiva com um lugar ocorre independente de nossa escolha:

Antes de toda escolha, existe esse “lugar” que não pudemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades (DARDEL, 2011, p.41).

Para Santos (1996, p. 77), o lugar “[...] se define como um ponto, onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar.” O lugar é produto das relações humanas, portanto da dialogicidade entre os seres humanos, e entre os seres humanos e os elementos da natureza. Este processo é tecido por relações sociais, que se materializam no plano do vivido, garantindo a construção de uma rede de significados e sentidos, portanto de Comunicação, formada pelo processo histórico. O lugar parece ser a união dos sujeitos pela cooperação das diferenças.

As diferenças são marcas indeléveis da paisagem, e, por conseguinte, dos lugares. Acreditamos que alguns questionamentos devem ser pontuados quanto à nossa posição de observadores das paisagens. As subjetividades que carregamos conosco influenciam na maneira como encaramos determinados cenários? Como uma mesma paisagem pode ser apreendida por diferentes estudantes e pelo professor?

Por conta das vivências de cada sujeito, as “lentes” usadas para ler o mundo variam conforme se modificam nossas próprias histórias. Logo, não podemos considerar que nossos estudantes (detentores de experiências diversas) tenham um olhar homogêneo quanto a espaços tão diversos. Um trabalho “burocrático” com paisagens, pode afastar o conceito de suas potencialidades epistêmicas.

Em muitas ocasiões, a própria escola leva os estudantes a fazerem uma segmentação artificial das paisagens, que ao invés de serem entendidas como elementos de integração dos objetos espaciais, acabam sendo interpretadas de forma fragmentada. É comum, por exemplo, o estudo da paisagem ser abordado de maneira distante dos espaços de convívio dos estudantes, estipulando-se como principal tarefa identificarem os planos e determinado cenário, sem ao menos dedicarem alguns minutos para buscarem as relações entre os elementos que ali estão.

Como levar os estudantes a estarem atentos aos ambientes que (con)vivem? Uma articulação com o conceito de lugar, neste sentido, torna-se uma alternativa de cooperação entre os conceitos e de evocação do empírico. Os conceitos de lugar e paisagem são aqueles mais carregados de subjetividade e individualidade. Sua definição por vezes encontra-se em uma zona cinzenta, causando certa confusão conceitual e aplicabilidades equivocadas. No entanto, é a partir dessa suposta sobreposição entre o conceito

de paisagem e de Lugar que podemos tecer reflexões acerca do diálogo entre ambos.


Consideramos que os lugares são espaços de proximidade na vida dos sujeitos, são eles que em um movimento complexo, acabam sendo gerados pelas histórias dos indivíduos, ao mesmo tempo em que alteram as mesmas. Ou seja, existe um processo de retroação na construção do sentido de lugar. Pensarmos sobre o lugar no estudo das paisagens significa convidarmos nossos estudantes a olharem para suas próprias histórias. Muito além da simples segmentação, está o resgate do olhar para os espaços em que convivem. Analisar uma paisagem próxima torna-se um convite para olharmos nossa própria história e os lugares que passaram por ela, uma vez que, de certa maneira, a partir de nossas vivências também formamos os ambientes.

Um lugar pode ser uma paisagem? Sim. Uma paisagem pode ser um lugar? Sim também! Que pontos unem essas duas ferramentas conceituais da geografia? Pensamos que o lugar é do indivíduo, do sujeito. A paisagem, das espacialidades. A paisagem é composta por uma série de relações que imprimem no espaço ideologias, lógicas e subjetividades. É através destas últimas que lugar e paisagem podem estabelecer um diálogo.

Pensemos em uma praça. Uma praça tradicional, daquelas que possuem um gramado verde, com caminhos pavimentados ou não, com alguns brinquedos

infantis, um vendedor de pipoca ou algodão doce, diversas pombas, casais de namorados sentados nos bancos, senhores e senhoras desfrutando da leve brisa que sopra, quem sabe até um chafariz ou uma pequena fonte d'água... temos aí uma paisagem ou um lugar? Ambos.

Em sendo uma paisagem, devemos nos atentar às espacialidades que configuram este cenário. Quem definiu aquele espaço como praça? A vegetação foi plantada ou preservada? Que empresas ou trabalhadores estão envolvidos na produção dos brinquedos? São produzidos localmente ou são importados? O vendedor está ali por opção ou é fruto do desemprego? E o banco no qual o casal namora, tem alguma publicidade estampada? E se a situação econômica do país



*Um parque – Os
sujeitos presentes
através das bicicletas*

Ilustração: Carolina Simões Silva.

piorar, os idosos poderão continuar naquele espaço ou deverão buscar uma complementação de renda para a sua parca aposentadoria? Assim, o cenário descrito quando problematizado adquire o caráter de paisagem. Mas e o lugar?

Sendo uma subjetividade, as experiências vividas naquele espaço assumirão outros significados para os sujeitos. E se o primeiro beijo do casal de namorados aconteceu no banco da praça? Os brinquedos da praça são os mesmos da sua infância? E se a vegetação foi plantada como um *hobby* de alguém? O vendedor está há muitos anos ali e criou seus filhos com o dinheiro obtido das vendas naquela praça? E os idosos são amigos de longa data que se reúnem para conversar? Para os sujeitos das situações descritas, aquela praça poderá ser um lugar, pois eles criarão laços de afetividade com o espaço. As pessoas que possuem um envolvimento afetivo com a praça e situações ocorridas ali terão uma percepção diferente de alguém que passa por ali ocasionalmente, a caminho de um compromisso.

Sendo assim, a zona cinzenta entre paisagem e lugar se desfaz na medida em que deslocamos nosso olhar. É de onde olhamos e das nossas relações com o espaço que definimos o que é paisagem e o que é lugar. No entanto, a dialogicidade do espaço se mantém, se analisarmos complexamente a sua constituição e configuração.

A paisagem torna-se, nesse momento, elo teórico de aproximação com a vida dos educandos. É por meio dela que algumas das primeiras relações com a Geografia na escola começam a ser tecidas, ainda que ligadas a ideias do “senso-comum”, pensadas como algo restrito à observação.

Nosso desafio consiste em desbravarmos, juntos de nossos alunos, elementos deste conceito possíveis de serem aprofundados e que contribuam com o estudo do Espaço Geográfico. Além disso, ainda na perspectiva de tornar o ato de aprender uma investigação, consideramos a utilização dos diferentes cenários que as paisagens nos apresentam como quadros provisórios de análise, construindo hipóteses e avaliando o que é evidenciado e/ou escondido em uma imagem.

Dentro dessa lógica, a vivência torna-se eixo norteador das análises, pois a percepção dos espaços só se dá pelo costume de circular por aqueles ambientes. Os alunos trazem, em diversos momentos, dúvidas que dialogam com o local por onde passam, assim como sentem-se curiosos quando a Geografia “explica o que ainda não havia sido perguntado”, ou seja, contextualizam ambientes próprios de suas rotinas, aplicando conceitos que antes pareciam abstratos.

Convém refletir em como essa dinamicidade da paisagem pode alterar a maneira como os indivíduos interagem. Como nossa vida se alterou junto com a paisagem? Tal reflexão só pode ser feita à luz do vivido, caso contrário correremos o risco de divagarmos

entre conceitos distantes e práticas vazias de sentido. paisagem e lugar trabalham na consonância dos pilares para o sentido, que vai muito além da simples separação de uma imagem em vários “planos”, pois nos vemos nestes cenários e queremos interagir e entender seus elementos.

Hoje, não falamos mais em contradições entre o lugar e o Global, pois, na diversidade existente, há uma completude entre ambos. Compreendemos que, no atual momento histórico, o meio técnico-científico-informacional estreitou a relação global-local. A uma maior Globalização do lugar, corresponde uma maior individualidade, para que ocorra a manutenção da sua existência, enquanto lugar. O mundo se encontra em todos os lugares. Qualquer lugar representa o mundo!

Portanto, para falar da (Global)ização, basta falar do lugar. Como diz Souza (1995, p. 65), “[...] todos os lugares são virtualmente mundiais.” Mas mesmo mundializados os lugares, graças às suas individualidades, eles mantêm em si uma autoprodução e uma auto-organização. Com isso, os produtos e os efeitos são também produtores e causadores daquilo que os produz. Tal situação torna os lugares, cada vez mais, próprios e específicos. SANTOS (1994b) observa que:

[...] o lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas possibilidades deste último. Ele é uma parte que faz parte do todo, não é o todo, mas, pela sua densidade e interatividade social, cada vez mais desempenha um papel na história do todo, por isso,

representa, muitas vezes, mais que o todo (SANTOS, 1994b, p. 35).

Esta observação do autor nos autoriza a pensar que a menor agitação em um lugar pode sacudir o Mundo, pois o lugar, que é um todo, faz *parte* do todo que é o Mundo. O mesmo geógrafo Milton Santos (1996, p. 251) nos lembra que a nossa relação com o mundo mudou, "porque o vemos por inteiro. Através dos satélites, temos imagens da Terra absolutamente inteira", que é o todo. O lugar (parte), nesta Imagem, pode ser visto como o intermédio entre o Mundo e o Sujeito. Como diz Morin (2000d, p.50), no seu Princípio Hologramático, cada um de nós (sujeito!), parece ser "um ponto singular de um holograma que, em certa medida, contém o todo planetário que o contém".

Para Augè (1994), entre o visitante/turista e o lugar ocorre uma ruptura que o impede de ver aí um lugar, mesmo que tente preencher este vazio com (in)Forma(ções) colhidas. O nome próprio do lugar impõe a ele uma injunção vinda do outro, ou seja, o turista não participa desta significação. Os nomes por si só parecem bastar, para produzirem no lugar um não-lugar ou entrelugar, pois transformam os lugares em *passagens simbólicas*. Muitas das interpelações midiáticas, feitas pelos processos de comunicação, ao empregarem certas imagens e utilizarem alguns nominalismos referentes ao lugar, parecem não contribuir para que o visitante tome *posse* do mesmo, por não compreender a sua história, as suas formas, as suas singularidades. Com isso, parece haver um

encaminhamento para a constituição do que seja um não-lugar ou entrelugar.

O lugar, portanto, é uma construção humana, é a apropriação que os sujeitos fazem do espaço e as relações que ali se estabelecem, é uma abstração. Santos (2006) afirma que cada lugar é, a seu modo, o mundo. Dito isso, o lugar, hoje, é um ponto do holograma, pois traz consigo influências e marcas da globalização, mas ainda conserva, mesmo que parcialmente, a identidade que o distingue de outros lugares.

Entendemos o lugar como sendo a porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e cria/possui identidade. Tem densidade técnica, comunicacional, informacional, normativa. O lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se produz e se reproduz na relação entre o espaço e a sociedade. Esta relação estabelece as bases para a criação de uma identidade própria da comunidade, do lugar. A identidade ocorre por meio de *formas* de apropriação, que originam modos de ser que são estabelecidos pelos sujeitos para a sua vida. Guarda em si o movimento da vida, enquanto dimensão do espaço-tempo, passado e presente. Portanto, a comunicação do/sobre o Lugar tende a trazer em si o seu nome, como identidade dos sujeitos que o nomeiam.

A PAISAGEM TEM TAMANHO?¹

Os cosmógrafos renascentistas estabeleceram uma hierarquia espacial tripla, composta pela Cosmografia, Geografia e Corografia, que ora retomamos, no intuito de traçar paralelos com as escalas de observação da paisagem. A primeira (Cosmografia) lida com todo o sistema do Universo geocêntrico, tratando-o matematicamente, tanto como sistema de formas, quanto de movimentos, descrevendo-os nos seus conteúdos vastamente variados e diferenciados. A Geografia, por sua vez, descreve os padrões de larga escala dos climas, terras e mares na superfície do globo, o que pode ser logicamente, matematicamente

1 Uma parte das ideias aqui apresentadas são uma revisitação do publicado em Kunz e Castrogiovanni (2022).

e tematicamente conectado à cosmografia por meio de uma escala métrica. (COSGROVE,2008).

Cabe ressaltar que os termos apresentam o sufixo "grafia, caracterizando uma descrição, um registro. Cada uma das três descrições escalares foi sendo construída primariamente por intermédio de imagens, em vez de palavras; cada qual apelando à lógica e à autoridade do olhar, à inscrição da forma, à autoridade escritural ou ao silogismo lógico. Um imperativo gráfico informou o trabalho do cosmógrafo, que se utilizou, pois, primariamente da visão, a fim de tornar visível, em cada uma dessas escalas descendentes, a ordem, a harmonia e os conteúdos da Criação, de modo eminentemente visual (COSGROVE, 2008).

Quanto à chamada escala corográfica, cada corografia é uma visão do tipo "olho de pássaro" de uma pequena parte da superfície terrestre, sagazmente combinando diferentes pontos de vista. O olhar do território, mapeando-o a uma escala consistente, permitiu a medição acurada de distância entre pontos; assim, o observador ganha uma impressão visual de distância e topografia, mas como se estivesse olhando para a paisagem por meio de uma figura ou de uma janela (COSGROVE, 2008).

Parece-nos que a escala mais próxima aos sentidos do corpo-sujeito é a escala corográfica, ainda que a paisagem tenha sido objeto central em muitas Geografias clássicas. Olwig (1996) nos lembra que a própria origem da ideia de paisagem, a etimologia

da palavra em línguas de diferentes raízes (latina ou anglo-saxã), bem como as intencionalidades no seu uso, estiveram conformadas na natureza substantiva da paisagem, da qual não podemos dissociar completamente. ²

O que queremos aqui dizer é que, pelo menos por um longo tempo, a ideia de paisagem esteve atrelada, parece-nos, à escala nacional, embora caiba ressaltar que muitas dessas nações “fundadoras” apresenta(va)m pequena extensão territorial.

A escala é um dos conceitos ou temas da espacialidade humana, a qual identifica o olhar e o trabalho do geógrafo como tais. Termo polissêmico, a escala pode ser dimensional (referente ao tamanho e à forma), cartográfica (referente aos mapas, com relações numéricas) ou de hierarquia espacial, como global e regional, referente às construções e práticas sociais (CORRÊA, 2018); pode ser cartográfica e geográfica, subdividindo-se em escala do fenômeno (relativa às características do objeto), de análise (relativa à existência do objeto enquanto objeto de conhecimento) e de ação (relativa à sua intervenção socioespacial).

2 Anteriormente ao seu caráter de retrato pictórico, o conceito de paisagem adquiriu conotações relacionadas ao país, à Nação, aproximando-se não raro da ideia de terra e até mesmo de território. As ideias são inclusive anteriores à fundação dos Estados-nação, remontando à era dos feudos. O próprio prefixo da palavra nas diferentes línguas aponta para isso: terra, em algumas línguas, país, em outras (OLWIG, 1996). A Escola Alemã do *Landschaft*, por exemplo, esteve filiada a esta ideia “original”, sendo que teria influenciado inclusive a Escola Norteamericana de Berkeley, da qual Sauer (1998) é expoente.

Aqui cabe alertar que não estamos trabalhando tanto com a ideia de escala cartográfica, mas focando a escala geográfica, embora as duas possam estar associadas. Há diferenciações no modo de tratar a escala dentro da Geografia, como na construção social da escala e nas políticas de escala. De modo mais direto, a escala geográfica apresenta-se sob escala do fenômeno, escala de análise e a escala de ação (SOUZA, 2016). Aqui, porém, falamos mais especificamente das possibilidades e limitações de uma escala, ou do nível corpóreo e visual da apreciação, valoração e percepção das paisagens pelos sujeitos. Assim, consideramos o alcance dos sentidos (especialmente o visual), sem deixar de lado os dispositivos do olhar que servem como extensão do corpo, a fim de dotá-lo de possibilidades quase que ilimitadas de vivência e imaginação geográfica das paisagens que não circundam os sujeitos, mas que são por eles vivificadas.

Nesse sentido, tratemos também sobre escala visual da observação da paisagem, quer pelo observador leigo, quer pelo observador científico (geógrafo). Para Claval (2014), a paisagem é concebida como realidade múltipla, que, portanto, pode ser analisada sob de vários ângulos, a uma distância maior ou menor:

Todos os objetos que chamam a atenção do geógrafo não estão na mesma escala. A Paisagem revela os objetos próximos [...] Interessar-se por objetos menores? Não se pode dispensar, mas somente quando são indispensáveis para compreender o que se passa na escala do observador comum (CLAVAL, 2014, p. 65).

Contudo, para o mesmo geógrafo, essas incursões na microescala acabam se tornando limitadas, na medida em que não têm outro motivo diferente do que esclarecer o visível, reduzindo a capacidade explicativa (CLAVAL, 2014) Os diversos dispositivos do olhar com os quais a humanidade tem contato restabelecem a distância, jogam com as diferenças de escala e são operações retóricas. Mas é pela necessidade premente de uma moldura, como condição constituinte da paisagem, que tais dispositivos podem se enunciar (CAUQUELIN, 2007).

Dispositivos visuais como os sensores remotos e a fotointerpretação – a uma escala “menor” – permitem pesquisa, monitoramento e intervenção para fins de ordenamento territorial, a partir da classificação em unidades de paisagem, por exemplo. Além desses, as câmeras fotográficas, acopladas a celulares, com imagens obtidas de modo instantâneo e digital, são por excelência, captadores e registradores da paisagem – a uma escala “maior”; especialmente as câmeras, trabalham com princípios de enquadramento, perspectiva e “congelamento” das cenas, amplamente utilizados por turistas (PANIZZA, 2014). Nesse caso, não se pode pensar a fotografia apenas como representação de uma paisagem, mas também como performance que envolve a realização técnica e artística da fotografia, num determinado cenário paisagístico (CRANG, 1999).

Assim, a escala geográfica, enquanto conceito e artifício teórico sempre polissêmico, é apresentada e

discutida por Panizza (2014) como atinente ao estudo das paisagens no âmbito do ensino. De pronto, a autora apresenta a escala da paisagem como relevante no ensino, mas também como categoria científica. Paralelamente ao sentido mais corrente, de ferramenta teórico-metodológica para apreensão dos fenômenos geográficos, há uma escala que atenta à vivência e percepção das paisagens no cotidiano. Sob tal concepção, ganhariam “relevo” as práticas e os sentidos num dado contexto histórico e social.

Por meio das diferentes escalas, ou de diferentes campos de visão, podemos apreender as dimensões de leitura e interpretação geográfica da paisagem, diante da impossibilidade de abarcar (não só visualmente) e explicar o real, como um todo. Assim, a paisagem observada, direta ou indiretamente, ressalta a dialética existente entre próximo-distante, que é de natureza escalar (PANIZZA, 2014).

Semelhantemente a outros autores, Panizza (2014) discorre sobre o fato de estarmos perto e distantes, no que toca às escalas, mas também à própria paisagem, que se quer observada sempre a certa distância. De perto, somos capazes de experienciar os cheiros, barulhos e tonalidades de cores. Contudo, o próprio conceito de paisagem enseja de que dela possamos nos afastar, nem que seja um pouco, para abarcar o conjunto por ela formado, tanto em extensão, quanto em profundidade.

Toda essa reflexão nos faz indagar: Qual a distância ideal, então, para observarmos e nos posicionarmos diante de uma paisagem? Seria uma distância passível de ser expressada matematicamente ou numericamente? Ou ainda: a que distância ou em que condições de distanciamento/proximidade temos configurada uma paisagem? Há um ponto a partir do qual o distanciamento nos impede de vivenciá-la plenamente, e/ou nos impedir de participar dela como cenário, enredo, narrativa?

A visualização direta de uma paisagem, em geral, ocorre de forma horizontal, a menos que contemos com meios de observá-la à altura, em um mirante – o que é inerente a um “olhar privilegiado” da paisagem (COSGROVE, 2002): aí sim teríamos uma visão oblíqua. A visão oblíqua é propiciada por meio das colinas, dos morros e das montanhas, que possibilitam um alongamento da visão.

Caso na geomorfologia de um território predomine o terreno plano, não raro são construídas torres de observação, tamanha a fascinação pela visão oblíqua (PANIZZA, 2014). Grandes cidades e seus arranha-céus comumente possibilitam a visualização panorâmica dos turistas, que buscam os topos desses prédios a fim de contemplar o panorama urbano.

Há, ainda, a visão vertical, inaugurada sobretudo pelo avião, embora os balões já a permitissem. As imagens geradas a certa altura, sob o voo de um avião, poderiam dispensar o tempo gasto, o desconforto e

o potencial perigo de uma viagem terrestre, para ver os objetos diretamente (COSGROVE, 2008).

Essa abordagem foi usada para promover as fotografias aéreas nos primeiros anos da aviação, sendo que elas permanecem sendo parte da atração imaginativa de geografias populares, tais como na revista *National Geographic* e no *Google Earth*. (COSGROVE, 2008). Já o *Google Street View*, como vimos em exemplo anterior, nos permite observar a cidade à escala do pedestre e do motorista.

Não podemos esquecer que escalas também são espaço-temporais na paisagem... Há atuação do tempo geológico, do tempo histórico, além das mudanças que ocorrem ao longo do dia (maré baixa/alta em áreas litorâneas) ou ao longo das estações do ano (nos climas temperados, principalmente); mudanças estas que engendram alterações físicas efetivas no ambiente natural e construído, de luminosidade, de arranjo dos elementos etc.

Somente uma análise transtemporal, indica PaniZZa (2014), seria capaz de apreender os movimentos, as dinâmicas e as processualidades apontados pela diacronia ou pelos contrastes com os dias atuais. A paisagem vista de modo “congelado”, ou somente como uma marca cultural das sociedades, não permite observar e analisar a vida que anima as paisagens, em particular, e o espaço, em geral.

A analogia com a pintura paisagística parece inevitável. Pintores como Lorrain teriam pintado ao

longo de um ano, na Europa, paisagens que espelham todas as variações das estações, em cenas que podem muito bem nunca terem existido (ou nunca virem a existir) tais como foram pintadas. De todo modo, não deixam de ser paisagens, uma vez que estão, na sua densidade representacional, também evocando a imaginação geográfica e por vezes até mesmo mítica da paisagem.

As ideias de apreciação e estudo da paisagem à escala do olhar humano parecem ser conceitos pertinentes ao ensino de Geografia nas escolas, mesmo no ensino superior de Geografia, incluindo as experiências de lazer e as atividades de campo para fins educacionais. Podemos conjugar a visualização direta (*in situ*) e indireta (veículos de mídia, livros didáticos etc.), previamente e/ou posteriormente às atividades de sala de aula. Nesse processo, devem ser consideradas e articuladas a descrição, a narração, a compreensão e explicação na/da paisagem, de modo dinâmico e relacional.

AONDE VOU? ONDE ESTÁ?

A pontar para a relevância do debate sobre mapas e localização nos dias de hoje aparenta ser um discurso quase que nostálgico, visto as inúmeras possibilidades tecnológicas existentes atualmente. No entanto, em tempos de globalização, em que não conseguimos ver onde inicia e onde termina o conjunto indissociável dos sistemas de objetos e ações que constituem o espaço geográfico, saber localizar e representar um “subespaço” se faz cada vez mais necessário. Assim, mesmo com o avanço das tecnologias de informação e de comunicação, percebemos que não basta somente ter acesso aos recursos ou à informação de um modo geral, para nos localizarmos continua imprescindível apurar o sentido de orientação.

A orientação é um procedimento fundamental para a localização dos objetos e ações que constituem o espaço geográfico. Orientar-se é ir em busca do oriente, onde o Sol aparece pela manhã (Leste), no sentido geográfico é alcançar a compreensão do rumo ou direção a seguir (CASTROGIOVANNI, 2017).

Atualmente, percebemos diversas possibilidades para representar o espaço, a partir de diferentes propostas. Para Richter (2017, p.286), pensar no trabalho didático-pedagógico do mapa sob uma única vertente metodológica seria reduzirmos demasiadamente a sua ampla dimensão espacial. É importante ter a consciência de que a noção espacial da criança e do jovem não é construída unicamente a partir da Geografia, mas que esse pensamento espacial se desenvolve por meio de inúmeras atividades e disciplinas, seja em uma aula de educação física, matemática ou até mesmo no seu trajeto da escola para casa.

Castellar (2017, p. 220) afirma que:

A proposta de estruturar o currículo da Geografia escolar, tendo o pensamento espacial e a representação como um eixo, pode contribuir para um ensino investigativo, uma vez que os alunos terão possibilidade de compreender o lugar onde vivem em várias dimensões, como também entender e reconhecer a localização dos diferentes lugares, observar e descrever paisagens para analisá-las e elaborar problemas espaciais em um mundo de múltiplas escalas e esferas espaciais, desenvolvendo análises geoespaciais.

Cada sujeito vê a paisagem a partir do seu lugar. A paisagem é o resultado da construção de espacialidades, em que cada história vivenciada pelos os sujeitos lhes possibilita uma leitura, com a contribuição do pensamento espacial. De outra maneira, como afirma Castrogiovanni (2004, p. 282), “[...] pela falta de conhecimento, os diferentes olhares do lugar podem resultar numa única expressão”. Assim, a construção de sentido à linguagem, enquanto dimensão simbólica, favorece a descoberta das singularidades que as paisagens nos oferecem e que dão vida às espacialidades. A localização e a orientação espacial compõem este arranjo simbólico que forma o pensamento espacial, ou seja, o pensamento espacial é composto pela linguagem cartográfica.

O autor Richter (2017) aponta a necessidade de considerarmos a importância da linguagem cartográfica no ensino e na pesquisa em Geografia. Pois, além de proporcionar a leitura dos fenômenos geográficos, essa linguagem nos permite problematizá-los, a partir da localização dos acontecimentos e de sua interconexão com os demais fatos.

Por vezes, a geografia torna o olhar do sujeito reduzido, por conta de sua compartimentação. Muitas vezes o conhecimento geográfico, o qual estrutura os elementos da espacialidade, não se conecta a outras dimensões do conhecimento, e se reduz a explicações baseadas em uma compreensão simplificada dos conceitos. Precisamos avançar nesse aspecto,

compreender genericamente não basta, é necessário realizar uma reflexão aprofundada sobre esses temas e conceitos relativos à espacialidade.

Quaisquer que sejam as discussões que busquem evidenciar os mais variados elementos da espacialidade, elas devem estar atreladas a uma compreensão do todo, a partir de um planejamento mínimo acerca dos exercícios mentais que serão desenvolvidos pelas atividades pedagógicas propostas.

São inúmeras as possibilidades de abordagem nas aulas de Geografia, a partir de recursos relacionados à linguagem cartográfica. Contudo, ainda se faz necessária certa desmistificação da construção e utilização desses recursos. A elaboração de propostas relacionadas à percepção da paisagem, no contexto escolar, deve-se fazer com a junção de elementos da linguagem cartográfica, muito importantes para a compreensão da espacialidade.

Dentre algumas possibilidades, é possível destacar os croquis, mapas mentais e até mesmo a cartografia social, que vem se consolidando nos últimos anos. O croqui proporciona uma representação gráfica que remete à construção do conhecimento e da percepção sobre o ambiente vivenciado pelos sujeitos; essa representação se apresenta de forma simplificada, geralmente expondo os elementos de uma forma mais genérica.

Já os mapas mentais são construídos a partir da percepção particular dos sujeitos, que buscam

apresentar uma forma própria de representação do mundo real. Tal método revela uma multiplicidade de sentidos provenientes da imaginação e do processo cognitivo desses sujeitos.

Os autores Lopes & Richter (2013) afirmam que o mapa mental é um importante recurso didático para o processo de ensino aprendizagem de Geografia, pois sua construção vai exigir do aluno uma leitura do mundo integrada com os conhecimentos geográficos ensinados na escola.

Podemos ainda destacar a Cartografia Social, que vem ganhando espaço ultimamente como uma importante metodologia participativa para o engajamento social e político. Gomes (2017) aponta que essa abordagem possibilita a desmistificação do mapa objetivo, construído “de cima”, facilitando espaços de discussão que permitam a problematização das narrativas existentes nos locais representados.

POR QUE AS COISAS SÃO ASSIM?

O Espaço Geográfico, pensamos, é constituído de um emaranhado de objetos, intencionalidades, tensões, ações e representações que perpassam por diversas temporalidades, manifestando-se sob a abstração de espacialidades. É neste cenário atormentado que as sociedades, dialogando com o espaço natural, produzem, na mesma medida em que são produzidos os Espaços Geográficos, com as suas diferentes escalas de análise, como o Lugar, a Paisagem ou o Território. Estas escalas de análise são ferramentas teóricas para a leitura e a compreensão dos fenômenos e relações sociais que se inscrevem no espaço e que parecem não apresentar início nem fim.

Cada sociedade, ao seu tempo, manifestando-se em temporalidades, compartilha, entre aqueles imersos

em sua cultura, ações direcionadas pela lógica predominante naquele tempo e/ou espaço. A cultura de uma sociedade é alimentada pelas práticas dos sujeitos, ou seja, pelas ações que realizam, conscientemente ou não. As ações, então, estão presentes na névoa que é uma cultura, fluida, que em alguns momentos se adensa dificultando visualizar e compreender o que ali se encontra; e noutros momentos se dissipa, evidenciando aquilo que está a ocultar. O mundo que existe é aquele ao qual atribuímos a existência material e que dá forma e conteúdo à cultura ou à consciência e à cultura, entendida como manifestação dos sujeitos, que arranja espacialmente a existência de uma ordenação dinâmica das formas.

É por meio das práticas e ações mediadas por uma cultura que as sociedades materializam no espaço as suas lógicas e seus valores. Assim, a produção de objetos no espaço tende a seguir as ideias dominantes, produzindo determinados padrões morfológicos e também temporais, que podem, ou não, resistir ao tempo e à cultura hegemônica. Assim pontua Santos (2006, p.148): “A ação codificada é presidida por uma razão formalizada, ação não isolada e que arrasta, ação que se dá em sistema, e tem um papel fundamental na organização da vida coletiva e na condução da vida individual”.

Com relação à simbologia da paisagem, Cosgrove (1998) atribui ao poder dominante a edificação de símbolos que impregnam a paisagem. Argumenta

que, ao produzir a paisagem, a cultura que o fez inscreveu naquele espaço símbolos que denotam o fato de possuir poder. Para Cosgrove (1998) toda paisagem é simbólica, pois é produto da apropriação e transformação do espaço pelo ser humano, que por meio de sua cultura, marca na paisagem elementos de poder reconhecíveis por todos que compartilham daquela cultura, como igrejas, prédios públicos, mansões etc.

Contudo, podem coexistir, no seio de uma cultura hegemônica, outras (sub) culturas de menor impacto, mas que também possuem as suas práticas e ações, que eventualmente se materializam no espaço e o transformam, revelando uma heterogeneidade de paisagens.

Diante do exposto, pensamos que os arranjos espaciais são a (des)organização espacial de uma cultura. As ações, condicionadas pela lógica hegemônica, materializa no espaço, por meio de objetos, as intencionalidades de determinado grupo social. No entanto, a temporalidade é fator crucial na análise e compreensão dos arranjos espaciais.

A disposição dos objetos no espaço está inexoravelmente atrelada à cultura dominante de determinada época. Esta cultura possui um marcador temporal que já pode ter tido sua alvorada e crepúsculo, ou que ainda se faz presente de maneira direta ou indireta na sociedade do presente, como através de festejos, ritos religiosos ou monumentos. Os objetos construídos noutros tempos, como os monumentos, por exemplo,

são marcas de um passado que resistiram à ação do tempo. Se outrora possuíam uma função específica, como as pirâmides egípcias, hoje não mais se prestam àquilo. São rugosidades.

As rugosidades de hoje, que no passado possuíam uma função específica no arranjo espacial de determinada sociedade, podem ou não ter sua função modificada em razão da substituição ou da emergência de uma nova cultura. Tomemos como exemplo as pirâmides egípcias. No passado, sua função estava atrelada a uma ordem social na qual o faraó era um representante divino, e a sua sepultura serviria para demonstrar seu poderio e prepará-lo para a vida eterna. No Egito antigo, as pirâmides possuíam uma função no arranjo espacial daquela sociedade. Era um marcador geográfico da grandiosidade do governante e um elo com o suprassensível. No arranjo espacial do Egito contemporâneo aquelas estruturas não possuem a mesma função do passado, hoje são pontos turísticos visitados por pessoas de todo o mundo. Então o que mudou?

Pensamos que a mudança está na espacialidade. Segundo Santos (1996, p. 26), “[...] a espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial”. Assim, a mudança, no exemplo exposto, está na função que o objeto exerceu e exerce, em diferentes temporalidades, ou seja, as alterações das práticas e ações que uma

cultura imputa ao objeto no arranjo espacial atual. A espacialidade é mutável. Seria a espacialidade uma inflexão no arranjo espacial?

A comunicação é o movimento e a segurança da intersubjetividade, ou seja, mostra valores e crenças que são compartilhados entre os sujeitos, constituindo assim um agendamento dos necessários arranjos espaciais. A linguagem, com o seu papel simbólico, é o modo primário da comunicação humana, constituindo-se numa individualidade e ao mesmo tempo sociabilidade das relações que são (re)construídas com o mundo.

PARA NÃO FINALIZAR

A observação da paisagem não deve ser de caráter passivo, onde os sujeitos apenas elencam o que conseguem observar. Olhar para os cenários próximos exige distanciamento, uma movimentação intelectual de conjecturar novas lógicas, levando a novos arranjos espaciais e de interligação entre os elementos. Todo esse movimento pressupõe a consideração dos saberes que os sujeitos trazem consigo, bem como a capacidade criativa de considerarem elementos que não estão explicitamente expressos no âmbito do visível, ou ainda buscarem soluções de melhorias para os problemas que possivelmente possam aparecer nas Paisagens trabalhadas.

Em todos esses movimentos, o olhar para os ambientes evoca a Atitude dos sujeitos, perante si

mesmos e em sua relação com o mundo. Pensamos que valorizar a presença da dúvida e encarar estes elementos provisórios do espaço como quadros que também são construídos juntos conosco, é um possível caminho para a atribuição de sentido na sala de aula, pois o aluno poderá perceber que o elemento estudado é também produto e produtor de suas ações, consideradas as devidas escalas.

Precisamos apurar nossos olhares para a dinamicidade implícita da paisagem, além disso, buscarmos a inter-relação entre os elementos, considerando seus contextos históricos. O Espaço se transforma e nos mostra que essa transformação se dá em um processo contínuo. O sentido da sala de aula acaba se fazendo também no contexto dos saberes. “Na minha época, isso aqui era tudo mato”, frase dita tantas vezes de forma jocosa, carrega também, em suas subjetividades, outras lógicas: “aumentou a urbanização”, “desmataram a vegetação que cobria essa região”, “minha infância passou pelas árvores que aqui já não estão mais”. Estas conexões carregam um significado ainda maior se ligadas ao lugar; investigar esses espaços levará inevitavelmente a um retrospecto de nossas próprias experiências nestes ambientes.

As paisagens constroem-se em contínuas reticências, onde agregam elementos dos “textos” anteriores para a sua continuidade e transformação. Talvez tendo isso claro conceitualmente, possamos dar conta de que a frase “era tudo mato” carrega a nostalgia da

experiência dos lugares, e junto com ela, a transformação dos espaços e de nossas histórias.

Longe de querer dicotomizar a paisagem entre a rigidez das categorias Paisagem Natural e Humanizada, consideramos que toda paisagem tenha um caráter fundamentalmente cultural, visto que, conceitualmente, é um constructo social erigido dentro de uma cultura ou culturas. Mas constituirá a paisagem um conhecimento ou uma informação? Para responder a essa questão, pensamos ser antes necessário diferenciarmos informação e conhecimento.

As informações são unidades dispersas e designáveis sob a forma de *bits*. Ou seja, informações espalhadas, separadas e distantes. Já o conhecimento diz respeito às informações operadas de maneira organizada, supondo uma relação de abertura e de fechamento entre o “conhecendo” e o conhecido. A paisagem, nessa perspectiva, apresenta-se de maneira objetiva como um conjunto de informações, cabendo ao observador a organização das informações ali contidas, para que se processe o seu entendimento, ou conhecimento.

Ainda, paisagem parece ser uma díade entre o objetivo e o subjetivo. Ela é objetiva, pois demonstra a forma, a parte concreta e materializada. Mas também é agregadora de aspectos subjetivos, que envolvem a percepção por meio dos sentidos e dos condicionamentos culturais, aos quais os sujeitos observadores da paisagem estão submetidos. Ela é dialógica, à

medida que expressa as dinâmicas sociais e culturais em que está inserida, mas também influencia e condiciona os sujeitos que a (trans)formam e a (re)constroem. Ao preconizar a paisagem como um objeto de estudo também deve ser levado em conta a escala a ser explorada.

Podemos interpretar a paisagem como “um dinâmico código de símbolos que nos fala da cultura de seu passado, de seu presente e também de seu futuro (NOGUÉ, 2008, p.11)”. Em outras palavras, o grau de decodificação/leitura dos símbolos que compõem a paisagem podem ser mais ou menos complexos, mas serão eles que possibilitarão entendermos a temporalidade existente nela e a projeção que pode nos oferecer sobre o futuro da organização do espaço Geográfico.

A paisagem é uma síntese, uma abstração das imagens vistas/sentidas, de que nossos sentidos, numa temporalidade, podem atribuir diferentes significados! Ela não é plana, mas tem texturas e nuances que provocam a alma do imaginário, despertada pelas suas formas, derivadas de arranjos dinâmicos que são resultados temporários dos processos que constituem o Espaço Geográfico. É preciso educar os sujeitos para exercerem uma autoria na leitura e interpretação das imagens, que são possibilidades aparentes da paisagem se fazer existir.

Como testemunho da ação humana, a paisagem pode ser lida/interpretada *in loco*, ou por meio de imagens e textos (indiretamente), em uma contribuição

substancial à Geografia Cultural, a fim de que atinja seus objetivos, quais sejam, de conhecermos o mundo, bem como entendermos a nós mesmos (COSGROVE, 2008).

Entretanto, há limitações na sua aplicação educacional, uma vez que não abarca todo o universo de crianças em alfabetização. Estamos falando especialmente de inclusão dos sujeitos com deficiências visuais – para o que se faz necessária uma intervenção, buscando os múltiplos sentidos na/da paisagem, a fim de que o seu conteúdo conceitual possa ser apreendido independentemente de quaisquer impedimentos de visão.

Então, quais as possibilidades e limitações da escala da visão para o estudo da paisagem em Geografia? Abordar a escala nos estudos da paisagem parece reforçar ainda mais a relevância do sentido da visão, uma vez que todos os fatores relacionados à escala na/da paisagem têm como balizadora a visão humana. A ideia das práticas ou performances como inerentes ao entendimento da paisagem, e até mesmo a dos regimes de visibilidade, potencialmente associam as concepções da Nova Geografia Cultural com a Fenomenológica, sem que as diferenças entre elas se dissolvam por completo.

As perspectivas temáticas e conceituais aqui apresentadas parecem tender para múltiplas possibilidades de inter/transdisciplinaridade: pode-se estudar a paisagem na Geografia relacionando-a às Artes Visuais, à Literatura e Poesia, até mesmo à Sociologia Urbana, entre outras possibilidades.

PAISAGEM EM SALA DE AULA

Propostas de oficinas

Após apresentarmos teoricamente algumas possibilidades de leituras e interpretações das paisagens, pensamos que seja o momento de oferecer aos leitores algumas possibilidades de aplicação prática do que foi exposto. As propostas de oficinas a seguir não se constituem em um receituário ou uma bula, mas uma espécie de provocação, pois acreditamos que não existem formas ou fórmulas prontas para se trabalhar em sala de aula.

Pensamos que cada educador e educadora compreendem as necessidades e potencialidades de seus estudantes, ninguém conhece melhor a sua turma do que o professor e a professora! Com efeito, o presente material deve ser apropriado, ressignificado, relido, repensado, subvertido de modo que todos e todas


imprimam a sua marca, considerando os diferentes contextos escolares do país.

As propostas de oficinas foram estruturadas de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para que possam atender às necessidades de docentes em qualquer rede de ensino. Inicialmente, elas apresentam as **habilidades** que serão mobilizadas pelos estudantes durante o processo. Em seguida, traz os **objetos de conhecimento** abordados, em consonância com as habilidades. No terceiro item, **categoria de análise espacial**, são apontadas as categorias que serão trabalhadas com os estudantes nas oficinas e que foram discutidas nas páginas anteriores desse livro. São elas: paisagem, arranjos espaciais, escalas, localização e lugar.

O tópico seguinte, **temática**, aponta o contexto para o qual a oficina foi pensada. Nele estão expostas as intencionalidades, ou seja, o que pretendemos desenvolver com a atividade. Em **desenvolvimento e problematização** temos dois momentos: Com que e Como fazer. No primeiro, são indicados alguns materiais importantes para a realização da oficina; já o segundo, traz as etapas para o desenvolvimento da atividade e as problematizações que pensamos serem adequadas. Assim, apresentamos, em síntese, como estão estruturadas as propostas de oficinas.

Contudo, como esse livro não tem a pretensão de ser um manual, apresentaremos anteriormente um quadro-base para que o professor e a professora

possam desenvolver as suas próprias oficinas. Nele estão elencados os objetos de conhecimento, as habilidades e as categorias de análise espacial correspondentes. Assim, cada leitor e leitora poderá criar, do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, as suas próprias práticas!



QUADRO BASE

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
1º ANO		
O modo de vida das crianças em diferentes lugares	(EF01GE01) Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares.	LUGAR / ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF01GE02) Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras de diferentes épocas e lugares.	ESCALA / LUGAR
Situações de convívio em diferentes lugares	(EF01GE03) Identificar e relatar semelhanças e diferenças de usos do espaço público (praças, parques) para o lazer e diferentes manifestações.	LOCALIZAÇÃO / ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF01GE04) Discutir e elaborar, coletivamente, regras de convívio em diferentes espaços (sala de aula, escola etc.).	LUGAR
Ciclos naturais e a vida cotidiana	(EF01GE05) Observar e descrever ciclos naturais (dia e noite, variação de temperatura e umidade etc.) em diferentes escalas espaciais e temporais, comparando a sua realidade com outras.	ESCALA / LUGAR
Diferentes tipos de trabalho existentes no dia a dia	(EF01GE06) Descrever e comparar diferentes tipos de moradia ou objetos de uso cotidiano (brinquedos, roupas, mobiliários), considerando técnicas e materiais utilizados em sua produção.	ARRANJOS ESPACIAIS / LUGAR
	(EF01GE07) Descrever atividades de trabalho relacionadas com o dia a dia da sua comunidade.	LUGAR
Pontos de referência	(EF01GE08) Criar mapas mentais e desenhos com base em itinerários, contos literários, histórias inventadas e brincadeiras.	ESCALA / LUGAR
	(EF01GE09) Elaborar e utilizar mapas simples para localizar elementos do local de vivência, considerando referenciais espaciais (frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) e tendo o corpo como referência.	LOCALIZAÇÃO / LUGAR

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Condições de vida nos lugares de vivência	(EF01GE10) Descrever características de seus lugares de vivência relacionadas aos ritmos da natureza (chuva, vento, calor etc.).	LUGAR
	(EF01GE11) Associar mudanças de vestuário e hábitos alimentares em sua comunidade ao longo do ano, decorrentes da variação de temperatura e umidade no ambiente.	LUGAR
2º ANO		
Convivência e interações entre pessoas na comunidade	(EF02GE01) Descrever a história das migrações no bairro ou comunidade em que vive.	LUGAR / ESCALA
	(EF02GE02) Comparar costumes e tradições de diferentes populações inseridas no bairro ou comunidade em que vive, reconhecendo a importância do respeito às diferenças.	LUGAR
Riscos e cuidados nos meios de transporte e de comunicação	(EF02GE03) Comparar diferentes meios de transporte e de comunicação, indicando o seu papel na conexão entre lugares; discutir os riscos para a vida e para o ambiente e seu uso responsável.	ARRANJOS ESPACIAIS
Experiências da comunidade no tempo e no espaço	(EF02GE04) Reconhecer semelhanças e diferenças nos hábitos, nas relações com a natureza e no modo de viver de pessoas em diferentes lugares.	ESCALA / LUGAR
Mudanças e permanências	(EF02GE05) Analisar mudanças e permanências, comparando imagens de um mesmo lugar em diferentes tempos.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA
Tipos de trabalho em lugares e tempos diferentes	(EF02GE06) Relacionar o dia e a noite a diferentes tipos de atividades sociais (horário escolar, comercial, sono etc.).	LOCALIZAÇÃO
	(EF02GE07) Descrever as atividades extrativas (minerais, agropecuárias e industriais) de diferentes lugares, identificando os impactos ambientais.	LOCALIZAÇÃO / ARRANJOS ESPACIAIS

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Localização, orientação e representação espacial.	(EF02GE08) Identificar e elaborar diferentes formas de representação (desenhos, mapas mentais, maquetes) para representar componentes da paisagem dos lugares de vivência.	ESCALA / LOCALIZAÇÃO / LUGAR
	(EF02GE09) Identificar objetos e lugares de vivência (escola e moradia) em imagens aéreas e mapas (visão vertical) e fotografias (visão oblíqua).	LOCALIZAÇÃO / ESCALA
	(EF02GE10) Aplicar princípios de localização e posição de objetos (referenciais espaciais, como frente e atrás, esquerda e direita, em cima e embaixo, dentro e fora) por meio de representações espaciais da sala de aula e da escola.	LOCALIZAÇÃO / ESCALA
Os usos dos recursos naturais: solo e água no campo e na cidade	(EF02GE11) Reconhecer a importância do solo e da água para a vida, identificando seus diferentes usos (plantação e extração de materiais, entre outras possibilidades) e os impactos desses usos no cotidiano da cidade e do campo.	ARRANJOS ESPACIAIS
3º ANO		
A cidade e o campo: aproximações e diferenças	(EF03GE01) Identificar e comparar aspectos culturais dos grupos sociais e seus lugares de vivência, seja na cidade, seja no campo.	LUGAR / LOCALIZAÇÃO
	(EF03GE02) Identificar, em seus lugares de vivência, marcas de contribuição cultural e econômica de grupos de diferentes origens.	LOCALIZAÇÃO / LUGAR / ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF03GE03) Reconhecer os diferentes modos de vida de povos e comunidades tradicionais em distintos lugares.	ESCALA
Paisagens naturais e antrópicas em transformação	(EF03GE04) Explicar como os processos naturais e históricos atuam na produção e na mudança das paisagens naturais e antrópicas nos seus lugares de vivência, comparando-os a outros lugares.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA
Matéria-prima e indústria	(EF03GE05) Identificar alimentos, minerais e outros produtos cultivados e extraídos da natureza, comparando as atividades de trabalho em diferentes lugares.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO / ESCALA

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Representações cartográficas	(EF03GE06) Identificar e interpretar imagens bidimensionais e tridimensionais em diferentes tipos de representação cartográfica.	ESCALA / LOCALIZAÇÃO
	(EF03GE07) Reconhecer e elaborar legendas com símbolos de diversos tipos de representações em diferentes escalas cartográficas.	ESCALA
Produção, circulação e consumo	(EF03GE08) Relacionar a produção de lixo doméstico ou da escola aos problemas causados pelo consumo excessivo e construir propostas para o consumo consciente, considerando a ampliação de hábitos de redução, reuso e reciclagem/descarte de materiais consumidos em casa, na escola e/ou no entorno.	ARRANJOS ESPACIAIS / LUGAR
Impactos das atividades humanas	(EF03GE09) Investigar os usos dos recursos naturais, com destaque para os usos da água em atividades cotidianas (alimentação, higiene, cultivo de plantas etc.), e discutir os problemas ambientais provocados por esses usos.	LUGAR / ESCALA
	(EF03GE10) Identificar os cuidados necessários para utilização da água na agricultura e na geração de energia, de modo a garantir a manutenção do provimento de água potável	ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF03GE11) Comparar impactos das atividades econômicas urbanas e rurais sobre o ambiente físico natural, assim como os riscos provenientes do uso de ferramentas e máquinas.	ARRANJOS ESPACIAIS
4º ANO		
Território e diversidade cultural	(EF04GE01) Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afro-brasileiras, de outras regiões do país, latino-americanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, regional e brasileira.	LUGAR / ESCALA
Instâncias do poder público e canais de participação social	(EF04GE03) Distinguir funções e papéis dos órgãos do poder público municipal e canais de participação social na gestão do Município, incluindo a Câmara de Vereadores e Conselhos Municipais.	LUGAR

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Processos migratórios no Brasil	(EF04GE02) Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da sociedade brasileira.	ESCALA / ARRANJOS ESPACIAIS
Relação campo e cidade	(EF04GE04) Reconhecer especificidades e analisar a interdependência do campo e da cidade, considerando fluxos econômicos, de informações, de ideias e de pessoas.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA
Unidades político-administrativas do Brasil	(EF04GE05) Distinguir unidades político-administrativas oficiais nacionais (Distrito, Município, Unidade da Federação e grande região), suas fronteiras e sua hierarquia, localizando seus lugares de vivência.	LOCALIZAÇÃO / LUGAR
Territórios étnico-culturais	(EF04GE06) Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios.	LOCALIZAÇÃO
Trabalho no campo e na cidade	(EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA
Produção, circulação e consumo	(EF04GE08) Descrever e discutir o processo de produção (transformação de matérias primas), circulação e consumo de diferentes produtos.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA
Sistema de orientação	(EF04GE09) Utilizar as direções cardeais na localização de componentes físicos e humanos nas paisagens rurais e urbanas.	LOCALIZAÇÃO
Elementos constitutivos dos mapas	(EF04GE10) Comparar tipos variados de mapas, identificando suas características, elaboradores, finalidades, diferenças e semelhanças.	ESCALA
Conservação e degradação da natureza	(EF04GE11) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO / LUGAR

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
5º ANO		
Dinâmica populacional	(EF05GE01) Descrever e analisar dinâmicas populacionais na Unidade da Federação em que vive, estabelecendo relações entre migrações e condições de infraestrutura.	LUGAR / ESCALA / ARRANJOS ESPACIAIS
Diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais	(EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais, étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos de diferentes territórios.	LOCALIZAÇÃO / ESCALA
Território, redes e urbanização	(EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.	ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre as cidades da rede urbana.	ESCALA / ARRANJOS ESPACIAIS
Trabalho e inovação tecnológica	(EF05GE05) Identificar e comparar as mudanças nos diversos tipos de trabalho e o desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO
	(EF05GE06) Identificar e comparar transformações nos meios de transporte e de comunicação.	ESCALA
	(EF05GE07) Identificar os diferentes tipos de energia utilizados na produção industrial, agrícola e extrativa e no cotidiano das populações.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO
Mapas e imagens de satélite	(EF05GE08) Analisar transformações de paisagens nas cidades, comparando sequências de fotografias, fotografias aéreas e imagens de satélite de épocas diferentes.	ESCALA / ARRANJOS ESPACIAIS
Representação das cidades e do espaço urbano	(EF05GE09) Estabelecer conexões e hierarquias entre diferentes cidades, utilizando mapas temáticos e representações gráficas.	ESCALA

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Diferentes tipos de poluição	(EF05GE11) Identificar e descrever problemas ambientais que ocorrem no entorno da escola e da residência (lixões, indústrias poluentes, destruição do patrimônio histórico etc.), propondo soluções (inclusive tecnológicas) para esses problemas.	LUGAR
Qualidade ambiental	(EF05GE10) Reconhecer e comparar atributos da qualidade ambiental e algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, efluentes industriais, marés negras etc.).	ESCALA
Gestão pública da qualidade de vida	(EF05GE12) Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade); discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive.	LOCALIZAÇÃO / LUGAR
6º ANO		
Identidade sociocultural	(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.	LUGAR
	(EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.	ARRANJOS ESPACIAIS
Relações entre os componentes físico-naturais	(EF06GE03) Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos.	ESCALA
	(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal.	LOCALIZAÇÃO
	(EF06GE05) Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.	LOCALIZAÇÃO

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Transformação das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.	ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.	ARRANJOS ESPACIAIS
Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas.	ESCALA
	(EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando a representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.	ESCALA / ARRANJOS ESPACIAIS
Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO
	(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA
	(EF06GE12) Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA / LOCALIZAÇÃO
Atividades humanas e dinâmica climática	(EF06GE13) Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
7º ANO		
Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil	(EF07GE01) Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil.	LUGAR
Formação territorial do Brasil	(EF07GE02) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO
	(EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, assim como os direitos legais dessas comunidades.	LUGAR
Características da população brasileira	(EF07GE04) Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras.	LOCALIZAÇÃO
Produção, circulação e consumo de mercadorias	(EF07GE05) Analisar fatos e situações representativas das alterações ocorridas entre o período mercantilista e o advento do capitalismo.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA
	(EF07GE06) Discutir em que medida a produção, a circulação e o consumo de mercadorias provocam impactos ambientais, assim como influem na distribuição de riquezas, em diferentes lugares.	ARRANJOS ESPACIAIS
Desigualdade social e trabalho	(EF07GE07) Analisar a influência e o papel das redes de transporte e comunicação na configuração do território brasileiro.	ARRANJOS ESPACIAIS /
	(EF07GE08) Estabelecer relações entre os processos de industrialização e inovação tecnológica com as transformações socioeconômicas do território brasileiro.	ARRANJOS ESPACIAIS

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Mapas temáticos do Brasil	(EF07GE09) Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Brasil (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais.	ESCALA / LOCALIZAÇÃO
	(EF07GE10) Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e histogramas, com base em dados socioeconômicos das regiões brasileiras.	LOCALIZAÇÃO
Biodiversidade brasileira	(EF07GE11) Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no território nacional, bem como sua distribuição e biodiversidade (Florestas Tropicais, Cerrados, Caatingas, Campos Sulinos e Matas de Araucária).	LOCALIZAÇÃO
	(EF07GE12) Comparar unidades de conservação existentes no Município de residência e em outras localidades brasileiras, com base na organização do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).	LUGAR / ESCALA
8º ANO		
Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais	(EF08GE01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.	LOCALIZAÇÃO
Diversidade e dinâmica da população mundial e local	(EF08GE02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.	LUGAR / ESCALA
	(EF08GE03) Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial)	LUGAR
	(EF08GE04) Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial	(EF08GE05) Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA / LOCALIZAÇÃO
	(EF08GE06) Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.	LUGAR / ESCALA
	(EF08GE07) Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional, em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.	ESCALA / ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF08GE08) Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.	LUGAR / ESCALA
Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial	(EF08GE09) Analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados de BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO / ESCALA
	(EF08GE10) Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos.	LUGAR / ESCALA
	(EF08GE11) Analisar áreas de conflito e tensões nas regiões de fronteira do continente latino-americano e o papel de organismos internacionais e regionais de cooperação nesses cenários.	LOCALIZAÇÃO / ESCALA

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
	(EF08GE12) Compreender os objetivos e analisar a importância dos organismos de integração do território americano (Mercosul, OEA, OEI, Nafta, Unasul, Alba, Comunidade Andina, Aladi, entre outros).	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO
Os diferentes contextos e os meios técnico e tecnológico de produção	(EF08GE13) Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO
	(EF08GE14) Analisar os processos de desconcentração, descentralização e recentralização das atividades econômicas a partir do capital estadunidense e chinês em diferentes regiões no mundo, com destaque para o Brasil.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA / LUGAR
Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina	(EF08GE15) Analisar a importância dos principais recursos hídricos da América Latina (Aqüífero Guarani, Bacias do rio da Prata, do Amazonas e do Orinoco, sistemas de nuvens na Amazônia e nos Andes, entre outros) e discutir os desafios relacionados à gestão e comercialização da água.	LOCALIZAÇÃO / LUGAR
	(EF08GE16) Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho.	ARRANJOS ESPACIAIS / LUGAR
	(EF08GE17) Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zonas de risco.	ARRANJOS ESPACIAIS
Cartografia: anamorfose, croquis e mapas temáticos da América e África	(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, o ordenamento territorial, os contextos culturais, modos de vida e usos e ocupação de solos na África e América.	ESCALA / LOCALIZAÇÃO

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
	(EF08GE19) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.	ESCALA
Identidades e interculturalidades regionais: Estados Unidos da América, América espanhola e portuguesa e África	(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos; discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valoração na produção e circulação), como resultam na espoliação desses povos.	ARRANJOS ESPACIAIS / LUGAR
	(EF08GE21) Analisar o papel ambiental e territorial da Antártica no contexto geopolítico, sua relevância para os países da América do Sul e seu valor como área destinada à pesquisa e à compreensão do ambiente global.	ESCALA
Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens da América Latina	(EF08GE22) Identificar os principais recursos naturais dos países da América Latina, analisando seu uso para a produção de matéria-prima e energia e sua relevância para a cooperação entre os países do Mercosul.	LOCALIZAÇÃO
	(EF08GE23) Identificar paisagens da América Latina e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia e da climatologia.	LOCALIZAÇÃO / ESCALA
	(EF08GE24) Analisar as principais características produtivas dos países latino-americanos (exploração mineral na Venezuela; agricultura de alta especialização e exploração mineira no Chile; circuito da carne nos pampas argentinos e no Brasil; circuito da cana-de-açúcar em Cuba; polígono industrial do sudeste brasileiro e plantações de soja no centro-oeste; maquiladoras mexicanas, entre outros).	ARRANJOS ESPACIAIS

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
9º ANO		
A hegemonia europeia na economia, na política e na cultura	(EF09GE01) Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou na influência cultural, em diferentes tempos e lugares.	ESCALA / LOCALIZAÇÃO
Corporações e organismos internacionais	(EF09GE02) Analisar a atuação das corporações internacionais e das organizações econômicas mundiais na vida da população em relação ao consumo, à cultura e à mobilidade.	LUGAR / ESCALA
As manifestações culturais na formação populacional	(EF09GE03) Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas, como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial e a defesa do princípio do respeito às diferenças.	LUGAR / ESCALA
	(EF09GE04) Relacionar as diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais.	ARRANJOS ESPACIAIS
Integração mundial e suas interpretações: globalização e mundialização	(EF09GE05) Analisar fatos e situações para compreender a integração mundial (econômica, política e cultural), comparando as diferentes interpretações, face à globalização e mundialização.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA / LOCALIZAÇÃO
A divisão do mundo em Ocidente e Oriente	(EF09GE06) Associar o critério de divisão do mundo em Ocidente e Oriente com o Sistema Colonial implantado pelas potências europeias.	ARRANJOS ESPACIAIS
Intercâmbios históricos e culturais entre Europa, Ásia e Oceania	(EF09GE07) Analisar os componentes físico-naturais da Eurásia e os determinantes histórico-geográficos de sua divisão em Europa e Ásia.	LOCALIZAÇÃO / ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF09GE08) Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
	(EF09GE09) Analisar características de países e grupos de países europeus, asiáticos e da Oceania em seus aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos; discutir suas desigualdades sociais e econômicas e pressões sobre seus ambientes físico-naturais.	ARRANJOS ESPACIAIS / LOCALIZAÇÃO
Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial	(EF09GE10) Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania.	ESCALA / ARRANJOS ESPACIAIS
	(EF09GE11) Relacionar as mudanças técnicas e científicas decorrentes do processo de industrialização com as transformações na divisão do trabalho em diferentes regiões do mundo e suas consequências no Brasil.	LUGAR / ESCALA
Cadeias industriais e inovação no uso dos recursos naturais e matérias-primas	(EF09GE12) Relacionar o processo de urbanização às transformações da produção agropecuária, à expansão do desemprego estrutural e ao papel crescente do capital financeiro em diferentes países, com destaque para o Brasil.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA / LUGAR
	(EF09GE13) Analisar a importância da produção agropecuária na sociedade urbano-industrial ante o problema da desigualdade mundial no acesso aos recursos alimentares e à matéria-prima.	LOCALIZAÇÃO / ESCALA
Leitura e elaboração de mapas temáticos, croquis e outras formas de representação para analisar informações geográficas	(EF09GE14) Elaborar e interpretar gráficos de barras e de setores, mapas temáticos e esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas para analisar, sintetizar e apresentar dados e informações sobre diversidade, diferenças e desigualdades sociopolíticas e geopolíticas mundiais.	ESCALA / LOCALIZAÇÃO
	(EF09GE15) Comparar e classificar diferentes regiões do mundo com base em informações populacionais, econômicas e socioambientais representadas em mapas temáticos, com diferentes projeções cartográficas.	ESCALA / ARRANJOS ESPACIAIS

QUADRO BASE		
Objetos de conhecimento	Habilidades	Categoria de análise espacial
Diversidade ambiental e as transformações das paisagens na Europa, na Ásia e na Oceania	(EF09GE16) Identificar e comparar diferentes domínios morfoclimáticos da Europa, da Ásia e da Oceania.	LOCALIZAÇÃO
	(EF09GE17) Explicar as características físico-naturais e a forma de ocupação e usos da terra em diferentes regiões da Europa, da Ásia e da Oceania.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA
	(EF09GE18) Identificar e analisar as cadeias industriais e de inovação, bem como as consequências dos usos de recursos naturais e das diferentes fontes de energia (tais como termo-elétrica, hidrelétrica, eólica e nuclear) em diferentes países.	ARRANJOS ESPACIAIS / ESCALA



OFICINAS

OFICINA 1
Habilidades
(EF08GE17) Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zonas de risco
Objetos de conhecimento
Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina
Categoria de análise espacial
Lugar Arranjos espaciais Localização
Temática
A leitura da paisagem é uma possibilidade de leitura da realidade, assinalando diversos elementos. Ao propormos uma visão ampliada a partir da continuidade de uma fotografia, ampliamos a reflexão acerca da complexidade das relações existentes naquela paisagem, nas mais variadas dimensões (econômica, ambiental, social). Ao pontuarmos esses aspectos, incumbimos nossos alunos a agir com autonomia, ou seja, possibilitamos um empoderamento do seu agir sobre o espaço, provocando a tomada de consciência sobre seu papel e atuação na construção de novas espacialidades.
Desenvolvimento e problematização
Você vai precisar de: <ul style="list-style-type: none"> • Equipamento de audiovisual (televisão/projetor) • Folhas • Lápis colorido • Computadores e/ou celulares • Acesso à internet (<i>googledocs</i>)
Como fazer
Em um primeiro momento, ao trabalharmos com o conceito de paisagem, é necessária a desconstrução do conceito que os alunos possuem no seu inconsciente, pois, geralmente, a primeira imagem que vem à sua cabeça é algo belo, romântico, por vezes idealizado. Essa desconstrução poderá se dar através de desenhos ou textos.
O desenho é uma ferramenta interessante quando abordamos esse conceito. Ele mexe com nosso íntimo e por vezes aflora sentimentos e percepções que não nos damos conta que existem conosco.
Podemos solicitar que os alunos desenhem uma paisagem que descrevemos ou a partir de uma música ou sons aleatórios. O fato de pedir para que todos desenhem a partir de uma referência única é uma estratégia importante, pois ainda que apareçam uma multiplicidade de desenhos, alguns até muito parecidos, dificilmente teremos desenhos iguais.
Logo, após essa primeira parte da atividade, fomentamos o debate acerca do conceito de paisagem, demonstrando a sua pluralidade e a polissemia que o conceito carrega, até afunilarmos para a sua utilização na Geografia.
A ideia central dessa tarefa inicial é buscar ressignificar a visão dos/as alunos/as sobre a paisagem de um modo geral e, mais especificadamente, sobre construir em conjunto formas de repensar as espacialidades existentes na paisagem. Essas "outras" formas de ampliar a visão objetivam auxiliar na elaboração de um novo olhar sobre essa paisagem, que por vezes é oculto.

Após realizarmos essa etapa inicial, apresentamos a foto de duas paisagens, uma de área mais “nobre”, com residências bem estruturadas, e outra de uma área mais periférica, com estrutura precária, ambas da mesma cidade (Pelotas Marina Ilha Verde, Estrada do Engenho, POA Ilhas, entre outras), e solicitamos que os alunos desenhem a continuidade dessas paisagens. Essa segunda fase visa trabalhar com o imaginário dos sujeitos.

Logo na sequência, assim que os desenhos forem finalizados, questionamos sobre o local e o ano das imagens. Tais questionamentos visam ir construindo os elementos da temporalidade e espacialidade com os alunos.

Após, projetamos as fotos apresentadas para os alunos e solicitamos que cada aluno realize uma colagem a partir de cada foto e dos desenhos realizados pelos colegas.

Nessa etapa, utilizamos o computador como recurso, apoiados no *Google Docs* – um pacote de ferramentas disponibilizadas gratuitamente na internet que permite a criação e edição de apresentações em tempo real, bem como o compartilhamento com outras pessoas.

Tal etapa visa facilitar o compartilhamento dos arquivos utilizados, bem como a troca de ideias entre os alunos, que poderão utilizar os desenhos como uma espécie de quebra cabeça com inúmeras variações.

As fotos utilizadas como gatilho inicial são apenas um fragmento do local e mostram uma pequena parte da localidade selecionada de forma intencional, para iniciarmos o debate.

Logo, vamos revelar os locais em que as fotos foram tiradas, mostrando-os a partir da utilização de mapas, fotografias e do software *Google Earth*. A utilização do software permite uma maior navegabilidade pelo espaço geográfico, representando múltiplas escalas, ampliando a percepção sobre o local estudado.

A discussão acompanhada da justaposição dos desenhos realizados pelos alunos visa apresentar o local de estudo. Provocamos, então, o debate acerca da/as paisagem/ens existente/s.

Um outro recurso interessante para alargar a visão dos alunos, sempre muito válido, é a realização de um trabalho de campo. Tal atividade inspira inúmeras contribuições para o aprofundamento dos nossos estudos.

Logo após a contextualização da área de estudo, a proposta é problematizar o uso e ocupação desse local, bem como os espaços de disputa que constroem e reconstróem a paisagem.

A visão ampliada, a partir da continuidade da fotografia, do diálogo e da reflexão, ajudará os estudantes a compreenderem a complexidade das relações existentes na cidade, em suas mais variadas dimensões (econômica, ambiental, social).

São inúmeras possibilidades de abordagem a partir da paisagem, as propostas podem variar conforme a faixa etária dos alunos e conteúdo que queremos aprofundar. Quem ocupava esse espaço anteriormente? Quais foram as atividades desenvolvidas? Como essa paisagem ficará caso ocorram novas construções?

O foco da abordagem dependerá da intencionalidade do professor, considerando que cada elemento que compõe essa paisagem demonstra as marcas das relações socio-espaciais que aconteceram ao longo dos anos, deixando clara a sua temporalidade.

Evidente que o que foi aqui assinalado é apenas a ponta do Iceberg, sendo que a proposta metodológica da oficina busca trazer à tona o início de uma discussão, que pode ser ampliada dependendo do ponto a ser abordado. Não podemos ficar presos apenas ao conteúdo assinalado nos planos de ensino e projetos pedagógicos.

OFICINA 2	
Habilidades	
<p>(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.</p> <p>(EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes modelos de sociedade, com destaque para os povos originários.</p> <p>(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.</p> <p>(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.</p>	
Objetos de conhecimento Identidade sociocultural	
Transformações das Paisagens naturais e antrópicas	
Categoria de análise espacial	
Lugar Arranjos espaciais	
Temática	
<p>A proposta apresenta como objetivo analisar a construção e desconstrução da paisagem a partir da interpretação de músicas e imagens cinematográficas. Para tanto, a obra audiovisual escolhida é o filme “O Menino e o Mundo” e sua respectiva trilha sonora. O longa-metragem recebeu inúmeras premiações e foi indicado ao Oscar como melhor animação no ano de 2016, destacando-se como produção cinematográfica que não se utiliza de diálogos convencionais. Em contraposição a obras que se servem de inúmeros recursos tecnológicos e diálogos aprofundados, o filme conta, a partir de singelos desenhos rascunhados e de um fundo musical, a história de um menino da zona rural, cujo pai deixa a família para buscar um emprego na cidade grande. No desenrolar do filme, o menino resolve fugir para encontrar o pai e durante essa aventura ele descobre um mundo completamente diferente. O filme apresenta de maneira lúdica os espaços e as configurações do mundo contemporâneo, retratando inúmeras questões sociais.</p>	
Desenvolvimento e problematização	
<p>Você vai precisar de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Equipamento de audiovisual (televisão/projetor/equipamento de som) • Uma cópia do clipe musical (youtube – https://www.youtube.com/watch?v=cpOb-3db_Xuc) • Folhas • Lápis colorido 	
Como fazer:	
<p>Em um primeiro momento será reproduzida a música tema do filme, os alunos poderão acompanhar juntamente com uma cópia da letra. Após a reprodução, solicitamos que cada um desenhe a paisagem visualizada na sua mente, percebida pelos sons e pela entonação do cantor.</p> <p>Essa etapa deve demorar de 20 a 30min, dependendo da turma, sendo aconselhável tocar a música umas duas vezes para os alunos apreenderem melhor as notas musicais. O restante do tempo deve ser utilizado para que os alunos desenhem, inspirados na música – importa destacar que eles podem demorar a responder, pois a letra aponta vários elementos. Logo, é importante deixar claro que eles devem desenhar o que eles visualizaram ao escutar a música. Quais os cenários percebidos?</p>	

Na sequência, realizamos uma exposição com os desenhos, demonstrando a variedade de paisagens e que cada um carrega em si uma marca e uma matriz, a partir da sua vivência na relação com o espaço, valorada pela sua percepção e concebida por sua estética, exprimindo uma civilização. (Berque, 1998)

Esse momento de exposição dos desenhos serve para demonstrar que a paisagem não é uniforme e que não a visualizamos da mesma forma.

Posteriormente, exibimos o filme e a partir das cenas será iniciado um diálogo, provocando os alunos a perceberem as diferentes paisagens que são retratadas ao longo das cenas, como elas vão se alternando e, principalmente, como elas vão sendo transformadas pelo trabalho humano.

A partir desse momento inúmeros questionamentos podem provocar os alunos: como as paisagens foram se modificando? Você já vivenciou algo semelhante? As cidades modificaram a nossa forma de apropriação do espaço? Quais as consequências dessas transformações?

OFICINA 3
Habilidades
(EF06GE08) Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (EF06GE09) Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.
Objetos de conhecimento
Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras.
Categoria de análise espacial
Escala Arranjos espaciais
Temática
A cartografia é uma ferramenta fundamental para os estudos geográficos, pois ela sintetiza informações e facilita a compreensão da organização e produção espacial. A percepção espacial de cada sujeito, porém, é construída a partir das suas relações de afetividade, de interação e percepção. Nesse sentido, as diferentes formas de ver e perceber a paisagem acabam corroborando para a elaboração da nossa noção de representação, tornando-se de extrema relevância a problematização desse tema.
Desenvolvimento e problematização
Você vai precisar de: <ul style="list-style-type: none"> • Equipamento de audiovisual (projektor) • Computadores e/ou celulares • Acesso à internet (<i>google maps/ street view</i>) • Folhas • Lápis
Como fazer:
Em um primeiro momento, vamos solicitar que os alunos respondam duas perguntas: Qual o caminho que você faz da sua casa até a escola? Quais os pontos mais significativos/ relevantes (que chamam mais atenção)? Posteriormente, eles desenharam um croqui do trajeto realizado, apontando os pontos mais relevantes através da utilização de legendas. Logo na sequência, utilizamos o <i>Google Maps</i> , que pode ser empregado a partir de computadores ou celulares, solicitando que os alunos identifiquem as coordenadas da sua casa. Realizada essa primeira etapa, dividimos os alunos em duplas, trocando apenas as coordenadas. A partir daí, cada aluno deverá traçar uma rota desse ponto até a escola, navegando pelas funcionalidades do <i>Google Maps</i> e <i>Google Street View</i> , a fim de identificar aquele caminho que ele entende como melhor (sem conversar com o colega) e os pontos mais relevantes para ele durante o percurso. Após a realização do trajeto no computador vamos comparar os dois trajetos, o realizado pela pessoa que percorre diariamente representado pelo croqui e o outro, criado a partir da ferramenta do <i>Google Maps</i> .

Surgirão diferentes rotas para o mesmo endereço e, ainda que seja o mesmo percurso do croqui, muito possivelmente os pontos descritos como mais relevantes serão diferentes, visto que cada aluno compreende aquele trajeto de uma forma diferente, a partir da percepção das diversas paisagens que são constituídas no seu imaginário.

A partir dessa atividade, podemos problematizar a questão de que nem sempre a distância mais curta é a melhor, pois diferentes fatores influenciam na forma com que nos deslocamos no espaço. Portanto, é de extrema importância que o aluno consiga fazer uma leitura crítica da representação cartográfica, decifrando e interpretando suas informações a partir do seu cotidiano.

Ainda posteriormente podemos, através da criação de uma maquete do entorno da escola, trabalharmos a questão da dimensão e representação desse espaço.

OFICINA 4
Habilidades
<p>(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.</p> <p>(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.</p> <p>(EF07GE02) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.</p>
Objetos de conhecimento
<p>Identidade sociocultural Biodiversidade e ciclo hidrológico Formação territorial do Brasil</p>
Categoria de análise espacial
<p>Lugar Arranjos espaciais/escala Arranjos espaciais/localização</p>
Temática
<p>A paisagem não é estática, ela está em constante movimento de transformação. De forma a ser o resultado das construções dos grupos sociais que viveram nos mais variados períodos. Essas modificações nem sempre estão ligadas à forma, mas sim à função que determinados locais exercem. Problematicar essas mudanças possibilita, assim, uma compreensão mais ampla da paisagem.</p>
Desenvolvimento e problematização
<p>Você vai precisar de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fotografias • Folhas • Lápis
Como fazer:
<p>No momento inicial, vamos apresentar uma foto atual do local, no caso a Universidade Federal de Pelotas (campus Anglo). Na sequência faremos duas perguntas centrais: Vocês sabem onde fica esse prédio? O que funciona atualmente aí?</p> <p>Realizada essa primeira etapa, dividimos os alunos em duplas e cada dupla deverá entrevistar pelo menos duas pessoas sobre o local, apresentando a foto e buscando compreender as dinâmicas do passado e do presente dessa paisagem. Serão elaboradas algumas perguntas para iniciar a conversa, mas os alunos devem ser estimulados a criar outros questionamentos.</p> <p>Após a entrevista, cada dupla deverá criar um texto, no modelo de uma reportagem, enfatizando os pontos centrais que foram debatidos e criando um título para a "manchete".</p> <p>Posteriormente, provocamos o debate acerca do que era o local: Esse prédio foi construído para ser uma universidade? Que curso de água é esse que passa atrás do prédio? O que tinha nessa área antes de ser construído esse prédio?</p>

Os questionamentos servirão como gatilhos para chamar os textos construídos a partir das entrevistas, e na sequência cada dupla deve comentar um pouco sobre os principais aspectos observados.

Serão então apresentados diferentes aspectos sobre essa paisagem, diversas narrativas, muito possivelmente pontos relevantes serão expostos de forma diferenciada, visto a diversidade do olhar de cada dupla.

A partir dessa atividade, podemos problematizar a questão de como ocorre a nossa interação com a natureza ao longo do tempo, alterações que muitas vezes ocorrem com relação à "função", mas a "forma" das paisagens segue a mesma.

O foco central da abordagem é buscar um elemento da proximidade dos alunos e demonstrar as marcas presentes das relações socioespaciais, além disso, relacionar a forma como a interação com os elementos físico-naturais foram se modificando e transformando a paisagem.

OFICINA 5
Habilidades
(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.
(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
Objetos de conhecimento
Identidade sociocultural Transformações das Paisagens naturais e antrópicas
Categoria de análise espacial
Lugar Arranjos espaciais
Temática
Nesta proposta de trabalho temos como objeto central os sons. Os diferentes espaços do planeta são compostos por inúmeros elementos que os definem e os distinguem, e um deles é o som. Os sons podem ser considerados elementos invisíveis da paisagem, pois a partir deles construímos imagens mentais relacionadas às nossas experiências e vivências. Os sons produzem um efeito de resgate na memória daquilo que experimentamos e buscamos tecer relações. Assim, os sons evocam espaços vividos, fazendo com que a nossa mente construa imagens à semelhança do que ouvimos.
Desenvolvimento e problematização
Você vai precisar de: <ul style="list-style-type: none"> • Sons ambientes gravados ou retirados de plataformas como o Youtube; • Equipamento de som; • Folhas para desenhar; • Lápis, lápis colorido, giz de cera.
Como fazer:
Primeiramente devem ser selecionados os sons a serem reproduzidos. Indicamos que sejam escolhidos sons variados como, por exemplo: uma cafeteria ou restaurante (link: https://www.youtube.com/watch?v=6nunY9is--Y), uma floresta com animais (link: https://www.youtube.com/watch?v=osE7bpaO6R4) uma rodovia (link: https://www.youtube.com/watch?v=6_1bUNRdcoE), enfim, são diversos os sons ambientes disponíveis.
Devem ser distribuídas para os alunos folhas para desenharem, e é interessante que seja uma folha por som. É preciso explicar para eles que o trabalho tem como objetivo mostrar que os sons também fazem parte da paisagem, por isso é importante iniciarmos com uma pergunta que os instigue, como: "Algo que não podemos enxergar pode fazer parte da paisagem?". Fica a critério do professor qual pergunta realizar, dada a diversidade presente em nossas escolas.

Em seguida, pedimos que fechem os olhos, que imaginem o ambiente se formando em suas mentes, que deixem se levar pelo som. Nossa experiência indica que funciona bem e eles entram no clima! Reproduzamos o som e deixemos que eles desenhem. O tempo pode variar de 5 a 8 minutos, isso vai depender da resposta da turma, porque umas são mais agitadas e se dispersam facilmente e outras são mais detalhistas e gostam da tarefa de desenhar e colorir. Assim, o processo fica por conta do professor, que é quem melhor conhece seus alunos.

Após realizarem todos os desenhos, podemos iniciar as problematizações. Devemos ter em mente as habilidades que queremos desenvolver, bem como qual a categoria de análise espacial estamos trabalhando, neste caso as habilidades envolvem o lugar e arranjos espaciais. Partimos da diferenciação entre as paisagens com perguntas como: "Qual delas possui mais elementos naturais e qual possui mais elementos culturais?" Buscamos, com tais questionamentos, iniciar uma discussão sobre os objetos que constituem as paisagens. Na sequência, cabe a problematização sobre qual paisagem mais se aproxima do local onde vivem, procurando estabelecer aproximações e distanciamentos.

Em seguida, podemos iniciar um diálogo sobre as transformações ocorridas de uma paisagem para a outra. Exemplo: como uma floresta passa a ser uma cidade com trânsito intenso? Que fenômenos promovem tal modificação? Em relação às atividades produtivas, podemos debater com os alunos que trabalhos poderiam ser realizados nos diferentes espaços, questionando se a transformação da paisagem também implicaria na mudança dos trabalhos realizados.

OFICINA 6
Habilidades
<p>(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.</p> <p>(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.</p>
Objetos de conhecimento
<p>Transformações das Paisagens naturais e antrópicas Categoria de análise espacial Arranjos espaciais</p>
Temática
<p>Na presente proposta, buscamos desenvolver com os estudantes a capacidade de leitura da paisagem e os sentimentos a ela associados. Também procuramos estabelecer relações entre uma paisagem que os sujeitos vivenciam e os diferentes sentimentos que ela desperta/despertará nos mesmos. Eles serão provocados a fotografarem e descreverem uma paisagem de sua escolha para posterior reflexão e textualização. Pensamos que esta atividade poderá iniciar nestes jovens um olhar diferenciado sobre o que concebem como paisagem e as relações decorrentes de uma possível mudança de perspectiva, para assim, através das espacialidades, entenderem o mundo provisoriamente.</p>
Desenvolvimento e Problematização
<p>Você vai precisar de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fotografias de paisagens (preferencialmente que sejam produzidas pelos estudantes); • Folhas para a produção textual.
Como fazer:
<p>Solicitamos que cada um dos alunos fotografe uma paisagem a sua escolha e escreva um parágrafo sobre ela. Este manuscrito é uma descrição da intencionalidade do autor da foto e dos sentimentos que ela evoca;</p> <p>Em seguida, os alunos trocam a fotografia com um colega e escrevem um pequeno texto contendo as suas impressões sobre a paisagem do colega, tentando compreender o que ele quis captar, a sua intenção, que sentimentos a paisagem evoca e outras possíveis observações particulares;</p> <p>Após, devem entregar ao autor da fotografia o seu manuscrito e este deve comparar com o que ele próprio escreveu sobre a sua paisagem, buscando aproximações e distanciamentos;</p> <p>Ao fim deste processo, promovemos o debate sobre as impressões de cada um, o que mais chamou a atenção na observação do colega.</p>

Buscamos aqui instigá-los a pensar o que o colega quis retratar e o porquê. Podemos provocá-los com perguntas do tipo: a) *O que você modificaria na paisagem retratada pelo colega? Por quê?* b) *Quem é o principal transformador da paisagem? O Ser Humano ou a Natureza?* c) *Poderá existir uma paisagem exatamente igual a esta em outro local? Por quê?*

Assim, pensamos que eles próprios podem traçar paralelos entre os seus trabalhos, do mesmo modo que os distanciamos entre as intencionalidades podem emergir. Fazê-los refletir sobre QUEM está envolvido direta ou indiretamente na produção da paisagem desenvolve a noção de **arranjos espaciais**, ou seja, que relações se estabelecem naquele espaço para que ele se materialize daquela forma.

OFICINA 7
Habilidades
<p>(EF07GE02) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.</p> <p>(EF07GE01) Avaliar, por meio de exemplos extraídos dos meios de comunicação, ideias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil.</p>
Objetos de conhecimento
<p>Formação territorial do Brasil Ideias e concepções sobre a formação territorial do Brasil Categoria de análise espacial Lugar</p>
Temática
<p>Nesta proposta, buscamos estabelecer aproximações e distanciamentos entre as paisagens brasileiras. Por meio de imagens, pretendemos desenvolver com os estudantes a extensão da ação de diferentes grupos humanos sobre o espaço e a paisagem no Brasil.</p>
Desenvolvimento e Problemática
<p>Você vai precisar de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Três imagens, sendo: uma metrópole, uma cidade pequena e uma zona rural.
Como fazer:
<p>Pedimos para os estudantes formarem um semicírculo na sala de aula;</p> <p>Em cada uma das extremidades, entregamos uma das imagens e solicitamos que olhem cuidadosamente a paisagem, passando em seguida para o colega ao lado. As imagens distribuídas devem ser as das cidades, deixando a da zona rural para um segundo momento;</p> <p>Após todos terem olhado as imagens, iniciamos com perguntas elementares como: <i>"Qual das cidades deve possuir o maior número de habitantes?"</i> Deixemos que respondam livremente. Obviamente dirão que a metrópole possui mais habitantes. Essa iniciativa os encoraja a participar com mais entusiasmo, pois todos nós gostamos de acertar, não?</p> <p>Escolhemos um estudante ou solicitamos um voluntário, perguntando a ele como chegou àquela conclusão. Possivelmente dirá que pelo tamanho da cidade ou pelo grande número de edifícios. Neste momento, podemos introduzir ou retomar o conceito de densidade demográfica.</p> <p>Na sequência, perguntamos: <i>"Os trabalhos, empregos, nessas duas cidades são os mesmos? Por quê?"</i>. Anotemos no quadro algumas das respostas. Alguns dirão que sim, outros que não. Aqui devemos ter em mente o contexto da escola, e é o professor o sujeito responsável por essa sensibilidade. No entanto, a maioria das respostas deve se encaminhar no sentido de que a metrópole tenha mais empregos.</p>

Podemos iniciar um pequeno debate com perguntas do tipo: “*Será que existe relação entre o número de habitantes e a quantidade de empregos?*”; “*As pessoas que vivem nessa cidade sempre estiveram ali ou vieram de outros lugares? De onde?*”.

Neste momento mostramos a imagem da zona rural e perguntamos: “*Será que este local tem alguma relação com as imagens que vocês viram antes?*”. Aqui se inicia uma discussão sobre o **êxodo rural**.

Atenção: Devemos ter em mente o contexto escolar, como foi dito antes. Algumas adaptações podem e devem ser feitas pelo professor.

Após explicar o conceito de êxodo rural e de densidade demográfica, podemos perguntar: “*E a nossa realidade, onde se enquadra?*”. A partir do que for trazido pelos estudantes devemos situar o **lugar** da escola. Diante disso podemos ter **três caminhos**:

1 – Sendo uma escola urbana de uma metrópole: Solicitamos que, em casa, os estudantes perguntem e anotem de onde vieram os adultos que eles conhecem. Na aula seguinte, com o auxílio de um mapa, localizamos as cidades e pedimos que façam uma pesquisa sobre elas, buscando elementos como a população, a economia, etc.

2 – Sendo uma cidade pequena: Solicitamos que pesquisem e anotem os nomes de parentes e vizinhos que se mudaram para outras cidades e quais são essas cidades. Ainda, pedimos que tragam notícias dessas cidades. Na aula seguinte, com o auxílio de um mapa, localizamos as cidades e discutimos com os estudantes se as notícias daqueles lugares podem, ou não, serem aplicadas à realidade deles.

3 – Sendo uma escola do campo: Solicitamos que entrevistem pessoas que já tenham ido a uma metrópole e qual a impressão que tiveram de lá. Estabelecemos um debate sobre as vantagens e desvantagens de viverem no local atual.

OFICINA 8
Habilidades
(EF09GE02) Analisar a atuação das corporações internacionais e das organizações econômicas mundiais na vida da população em relação ao consumo, à cultura e à mobilidade.
Objetos de conhecimento
Corporações e organismos internacionais Categoria de análise espacial Lugar Escala
Temática
Esta proposta de oficina procura desenvolver a noção das relações comerciais contemporâneas, e como a paisagem vivenciada pelos estudantes está repleta de signos mundializados.
Desenvolvimento e problematização
Você vai precisar de:
<ul style="list-style-type: none"> • Mapa do mundo mudo; • Atlas; • Caderno para anotações; • Laboratório de informática.
Como fazer:
<p>Solicitamos que os estudantes observem atentamente o seu trajeto no dia a dia, por aproximadamente uns dois dias, e que anotem os nomes das marcas que eles observarem, sejam marcas de automóveis, roupas, lojas etc.</p> <p>Assim, munidos dessa lista, levamos todos para o laboratório de informática com acesso à internet (dependendo das condições, essa pesquisa pode ser realizada em sala de aula com os celulares). Pedimos para pesquisarem o país de origem das marcas que eles anotaram. Neste momento, cabe uma indagação: "Quantas marcas nacionais vocês encontraram? E estrangeiras?". Provavelmente eles irão se surpreender com a predominância de marcas estrangeiras em relação às nacionais.</p> <p>Na sequência, entregamos para os estudantes um mapa do mundo mudo. Pedimos que, com o auxílio do atlas, eles localizem os países das empresas pesquisadas. Aqui podemos trabalhar com os estudantes a escala de abrangência dessas empresas, indagando, por exemplo: "Que fatores fazem com que estas empresas venham de tão longe para cá?"; "Será que estas empresas estão presentes em outros países?".</p> <p>Estabelecemos, então, uma discussão sobre o porquê de termos tantas empresas estrangeiras em nosso país, e como o lugar pode ser afetado por decisões tomadas em um país distante. Podemos trabalhar os conceitos de globalização e de países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Com indagações pertinentes, o professor ou a professora poderá desenvolver com os estudantes a noção de empresas globais.</p> <p>Esta atividade busca desenvolver com os estudantes a noção da escala de atuação das empresas globais, e como a mundialização do comércio conecta o local ao global.</p>

OFICINA 9

Habilidades

(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.

(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização.

(EF06GE11) Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.

Objetos de conhecimento

Transformação espacial
Categoria de análise espacial
Arranjos Espaciais
Paisagem

Temática

Esta proposta de oficina busca que o estudante construa novas Paisagens a partir de sua criatividade e das geograficidades que se dão quando consideramos os Arranjos Espaciais. Neste sentido, buscamos valorizar as interações que se dão entre objetos naturais e sociais, bem como a dinamicidade das Paisagens a partir dos espaços-tempos.

Desenvolvimento e problematização

Você vai precisar de:

- Folhas A3.

Como fazer:

Momento 1: A Criação – Cada aluno receberá duas folhas brancas de tamanho A3, interligadas e contendo duas divisões: a parte superior, com o título: “Espaço Natural” e a parte inferior, com o título: “Espaço transformado”. O estudante criará nas folhas, através de símbolos, posteriormente representados em legendas, um espaço natural. Para essa criação, no entanto, pedimos que os alunos considerem alguns itens obrigatórios para a construção dos Arranjos Espaciais. O espaço natural, deverá ter:

- Um ou mais cursos de água;
- A representação do relevo e suas variações;
- O tipo de clima predominante na região criada (por meio de nota escrita na parte superior do painel)
- Os tipos de vegetação;
- Os recursos minerais da região;

Momento 2: A vivência – no espaço inferior do painel, uma vez que a Paisagem Natural já está construída, os alunos terão de fazer uma transformação na mesma, considerando suas vivências nos espaços e suas percepções das Paisagens. O espaço transformado deve ser criado com a finalidade de superar os problemas que eles encontram no dia a dia de suas cidades. Para valorizar o processo de autonomia dos estudantes, nesta etapa eles serão levados a tomar algumas decisões nas transformações das Paisagens, como sobre a quantidade de vegetação que retirarão para a inserção dos imóveis, ou decidirem ainda se o curso de água ficará longe ou perto do início de determinada comunidade, onde colocar o cemitério, quais as atividades principais na cidade, entre outras questões que envolvem a relação entre os arranjos naturais, suas Paisagens e a ocorrência de transformações. Para este momento, alguns requisitos para a formulação deste painel também serão pedidos, sendo estes:

- Coerência espacial com o painel anterior, do espaço físico.
- Indicação de onde a população começou a se instalar (para relacionar com o curso d'água);
- Indicação do quanto de vegetação permaneceu, ou não, após a formação da cidade;
- Inserção dos seguintes elementos: Cemitério, duas indústrias diferentes, hospital, Igreja, banco, delegacia, escolas, universidade, praça pública, ruas, prédios, avenida principal, casas e prefeitura.
- Inserção das atividades econômicas principais;
- Escolha de um nome para a cidade;

Momento 3: A atitude – pautados em sua leitura sobre o mundo e suas impressões sobre as sociedades, os alunos indicarão quais diretrizes morais e legislativas regem a comunidade criada. Neste momento serão convidados a pensar no contexto das sociedades atuais, com suas contrariedades e desigualdades, indicando 5 leis principais dessa sociedade que buscam evitar alguns problemas atualmente recorrentes:

- Violência (aqui buscamos debater se o mais importante é a medida punitiva direta ou a formação educacional competente);
- Fome;
- Analfabetismo;
- Corrupção;
- Degradação ao meio-ambiente;

Momento 4: com a formação dos dois painéis, todos os estudantes poderão ter, em um só cartaz, o “antes” (Paisagem Natural) e o “depois” (Paisagem Transformada) de suas sociedades. Em uma roda de discussão, os alunos, juntamente com o professor, apresentarão seus projetos, sendo instigados a falar sobre quais elementos mudaram entre um cartaz e outro e debaterem as leis criadas para a formação de uma sociedade mais justa. Caberá também ao professor, neste momento, fazer relações entre os dois contextos das Paisagens, indicando como a segunda acaba sendo o resultado da primeira, ora mantendo elementos, ora transformando-os.

Resultado: No final da oficina, teremos, para cada estudante, dois painéis: o primeiro, com a Paisagem Natural criada, e o segundo com a sua transformação na cidade, ambas a partir dos critérios pré-estabelecidos pelo professor para suas criações. Neste sentido, poderemos analisar a transformação das Paisagens e de seus Arranjos Espaciais, avaliando quais elementos foram, ou não, conservados.

Avaliação: A avaliação se dará pela participação dos alunos nas atividades propostas e pelo trabalho de transformação/conservação dos espaços. Análise da capacidade de autoria e de ordenamento dos elementos naturais e urbanos criados nas Paisagens.

OFICINA 10
Habilidades
(EF07GE12) Comparar unidades de conservação existentes no Município de residência e em outras localidades brasileiras, com base na organização do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).
Objetos de conhecimento
Biodiversidade brasileira Categoria de análise espacial Lugar Escala
Temática
A leitura e interpretação da paisagem permite abordar diversos elementos da organização socioambiental, na interface sociedade-natureza, sobretudo se o recorte for o das unidades de conservação (UCs) existentes no país. Uma das orientações é combinar a pesquisa de campo com a pesquisa de gabinete, indo ao encontro do chamado "olhar morfológico" das paisagens, na interface natural-cultural. Desse modo, é possível uma tomada de consciência acerca do papel dessas unidades de conservação, da sua manutenção e possivelmente sua ampliação, a fim de assegurar a biodiversidade existente, e a qualidade de vida das populações locais e regionais, e até mesmo do Brasil e do mundo.
Desenvolvimento e problematização
<p>Você vai precisar de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Equipamento de audiovisual (televisão/projetor) • Folhas • Caneta • Computadores e/ou celulares (com câmera) • Acesso à internet (site http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/sistema-nacional-de-ucs-snuc.html), a sites institucionais e a vídeos e documentários • Material impresso e/ou divulgação de UCs • Transporte para unidade de conservação mais próxima • Guia e/ou monitor (se necessário) • Lanches no local (pode-se levar) • Prancheta (se houver) • Seguro (se houver cobertura)

Como fazer:

Esta oficina baseia-se em uma proposta integrada que envolva uma saída a campo, de modo a ir além dos limites físicos da escola, possibilitando aos alunos verificarem, in loco, algumas das características presentes na gestão de unidades de conservação, e do próprio ecossistema das unidades. Consonante com a habilidade preconizada, procuramos contrastar distintas unidades de conservação, baseados na biodiversidade brasileira. Assim, é permitido conhecer não só os aspectos ecológicos – como a fragilidade ambiental e dos ecossistemas – mas também entender a complexidade das políticas de gestão dessas unidades, e além disso, a beleza cênica da paisagem, como ela porventura atrai a atenção de visitantes e turistas.

São pelo menos três momentos envolvidos. É necessário se conhecer a estrutura do SNUC, vigente no momento da consulta. Podemos fazer uma visita ao site do Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (CNUC). O site (<http://www.mma.gov.br/areas-protetidas/cadastro-nacional-de-ucs.html>) apresenta elementos interativos, com a geração de mapas de acordo com os filtros escolhidos. Por exemplo, por unidade federal, estadual ou federal.

Esse primeiro momento, além de envolver o estudo do SNUC, abrange o estudo da unidade de conservação mais próxima e de outra que seja de categoria e que esteja situada em um bioma igualmente distinto. Ainda, é necessário contrastar as categorias de uso sustentável e as de proteção integral: as duas UCs a serem estudadas devem ser categorizadas diferentemente. Caso haja mais de uma UC próxima, a turma poderá escolher uma que lhe desperte interesse. Da mesma forma, a turma escolherá a outra unidade a ser comparada com a primeira, dentro dos critérios estipulados.

Poderão ser arrolados múltiplos questionamentos, oriundos dos professores e dos próprios alunos. Como sugestão, apresentamos algumas perguntas, com as devidas adaptações para a linguagem dos alunos de 8º ano: Qual o bioma abrangido? Há espécies endêmicas? Há, por exemplo, aves migratórias? Corredores ecológicos? Qual o clima da região (e como está o tempo no dia da visita)? Há reconhecida importância da unidade em termos climatológicos, na região, no país ou até mesmo para outras partes do mundo? Uso sustentável ou proteção integral? Como a cultura das populações residentes na unidade ou em seu entorno historicamente fez uso das águas, das matas, dos recursos minerais? O que motivou a criação da unidade? Quais os conflitos existentes à época da criação e/ou que ainda existem? Quais as pressões existentes sobre a unidade, e quais os grupos envolvidos? Qual o prazer estético visual ao avaliar alguns de seus ícones (como os chamados monumentos naturais)? Qual o uso existente e permitido para atividades de turismo e lazer? Quais as atividades de pesquisa científica existentes? Quais as práticas de educação ambiental? Quais os mecanismos de gestão implementados? Qual a participação da comunidade? Qual a infraestrutura existente para a gestão da unidade e para sua visitação? Qual foi a evolução do tamanho da unidade, e quais as perspectivas de aumento? Há áreas de amortecimento no entorno e que dispõem de especificações quanto às atividades a serem realizadas?

A ideia, assim, é fazer um estudo de caso prévio, o mais completo possível, mas que não tome mais tempo que o estudo a ser verificado *in loco*. Para complementar esse estudo de caso prévio, poderá ser coletado material impresso nas unidades estudadas, bem como consultados vídeos ou eventuais documentários sobre as UCs.

Ainda nesse primeiro momento, há que se preparar os alunos para a saída de campo, a ser previamente agendada pela escola, junto a empresa de transporte qualificada, e à unidade de conservação. Há que se estipulem itens de observação direta, ou itens a serem perguntados aos dirigentes ou profissionais dessas Unidades. Recomendamos agendar uma fala com esses profissionais, seguida de questionamentos por parte dos alunos (evitar questões sobre dados que possam ser facilmente encontrados online e fixar-se mais em depoimentos).

No segundo momento, o da visita, é ideal que seja de um dia, partindo pela manhã e retornando no início da noite. Sugerimos a contratação de um guia de turismo e/ou monitor ambiental, conforme exigências de cada unidade.

Além de tirarem fotografias, fazerem anotações do observado e da entrevista com os responsáveis, podemos incentivar os alunos a fazerem croquis de um panorama, paisagem icônica, elementos da fauna e da flora que julgarem representativos da Unidade, ou que chamem sua atenção.

No terceiro momento, pós-viagem, é importante retomar os objetivos iniciais, recolher impressões e reunir todo o material coletado. É preciso realizar uma síntese. Esse ainda é o momento de contrastar as expectativas iniciais com a realidade observada *in loco*. Por fim, é necessário comparar a unidade visitada com aquela mais distante, anteriormente escolhida. É relevante o conhecimento em primeira mão de uma dessas unidades, o que faz parte de uma das formas mais consagradas dos estudos das paisagens, em especial a de Sauer (1998).

Além disso, é possível discorrermos sobre elementos ambientais, políticos, culturais, além de questões éticas e estéticas. Não é difícil articular o conceito de paisagem a outras escalas (inclusive de proteção ambiental), bem como de outros conceitos operadores, como o de território-territorialidade, se julgarmos conveniente. Além das competências preconizadas pela Base e esperadas para esse nível de escolarização, ressaltamos a relevância do desenvolvimento de competências relacionadas à formação de um sujeito-viajante mais crítico, que ao visitar outros sítios acaba por ressignificar suas próprias experiências, bem como a reavaliar seu relacionamento com o ambiente, os lugares e o próprio mundo. Desse modo, esperamos formar melhores cidadãos-turistas, ou turistas-cidadãos, como se queira.

OFICINA 11
Habilidades
EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, o ordenamento territorial, contextos culturais, modos de vida e usos, ocupação de solos da África e América.
Objetos de conhecimento
Cartografia: anamorfose, croquis e mapas temáticos da América e África Categoria de análise espacial Localização Escala
Temática
Esta proposta de oficina procura desenvolver a noção de espacialidade a partir da correlação entre as descrições fornecidas e a paisagem mentalmente projetada.
Desenvolvimento e problematização
<p>Como fazer: Apresentamos para os estudantes a crônica a seguir e solicitamos a leitura. Após, pedimos que respondam às questões propostas.</p> <p>Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça... (Jornal Zero Hora – 30/07/2017) Luis Fernando Verissimo</p> <p>Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça...</p> <p>É ela que passa, num doce balanço, a caminho do... (Epa, ela está voltando. Deve ter visto algum conhecido dentro do bar). A caminho do mar. (Não, agora é a caminho do bar. E na minha direção!) Moça do corpo dourado do sol de Ipanema, o seu balançado é mais que um poema... (Ela está falando comigo!)</p> <p>– Tá cantando pra mim?</p> <p>– Não, não.</p> <p>– Como, “não”? Está sim. Aliás, toda vez que eu passo aqui você me chama de coisa mais linda. Fala do meu corpo dourado, do não sei mais o quê. E que história é essa de poema?</p> <p>– É pra rimar com Ipanema.</p> <p>– E todos os dias é a mesma coisa. Você não tem mais o que fazer não? Fica o dia inteiro neste bar, cantando, e tal, pras mulheres que passam? Não tem profissão? Não tem outra vida?</p> <p>– “As mulheres”, não. Você.</p> <p>– E por que nunca foi falar comigo? Me convidou prum chopinho, sei lá. Eu não mordo, viu? A não ser em ocasiões especiais.</p>

– Não. Entende? Falar com você derrotaria todo o sentido da música, todo o clima, que deve ser meio melancólico, meio depressivo. Conhecer você, saber o seu nome, chamar você para um papo e um chopinho, acabaria com o encanto.

– Meu nome é...

– Não me diga! Não quero saber nada a seu respeito. É importante que você não tenha nome, nem CPF, nem família, nem passado, nem futuro. E que passe. Que não fique. Você é um símbolo do inatingível, do amor impossível, de tudo que passa e não conseguimos ter, a não ser em sonho.

– Quer dizer que o encanto depende da distância. Que de perto tudo se desmancha.

– Mais ou menos isso.

– Sabe que você não deixa de ser um homem atraente? Meio estragadão e péssimo cantor, mas nós poderíamos ter uma relação. Ou uma relaçãozinha. Ou só uma amizade. Pelo menos me convide para sentar.

– Não, você não pode ficar. Você precisa passar. Quando você passa o mundo inteiro se enche de graça – mas você precisa passar!

– E se nascesse amor entre a gente? Um amor de verdade?

– Pior. Amor de verdade desmancharia o amor de sonho, o amor idealizado com a moça que passa, e que nunca saberei quem é.

– Então tá. Deixa eu pegar minha praia. Tchau, hein?

– Tchau. Amanhã, não deixe de passar.

Ah, por que estou tão sozinho? Ah, por que tudo é tão triste?

Questões

As possíveis espacialidades na crônica de Luis Fernando Veríssimo

1. Onde se passa a "história" apresentada?

2. Se nós não soubéssemos onde se localiza o cenário da história, que elementos no texto me possibilitariam localizá-la?

3. Por que um amor de verdade desmancha um amor de sonho? E a paisagem vista pode desmanchar uma paisagem sonhada? Por quê?

4. Se a garota ficar perde a graça ou não? Por quê?

5. Escreva dois parágrafos como contribuição à crônica, partindo do princípio de que ele a convidou para sentar.

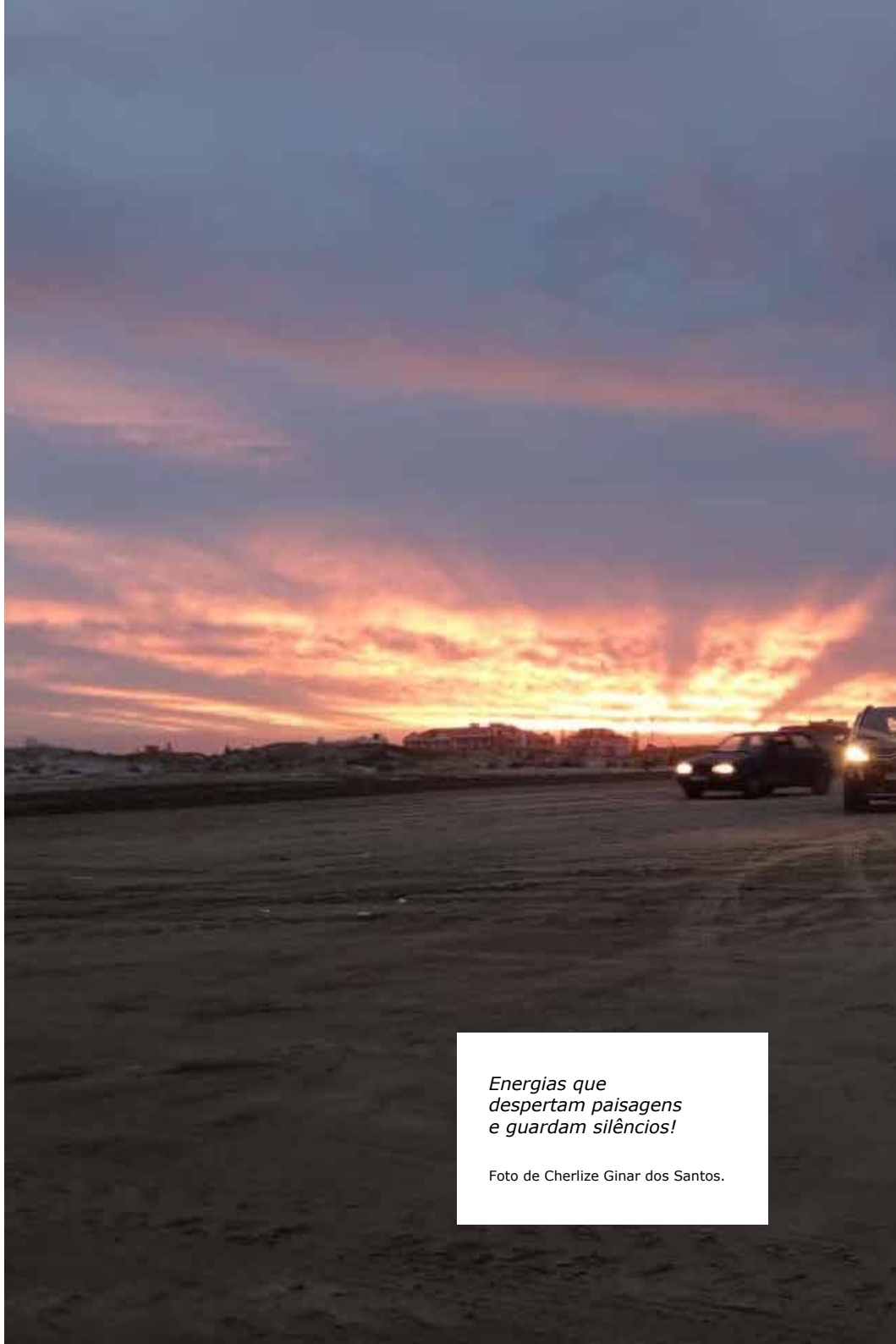
6. Cite três símbolos de espacialidades existentes no mundo que você considere inatingíveis. Por que parecem ser inatingíveis?

7. E se a história acontecesse em Porto Alegre, como seria esta guria... e por onde ela deveria passar?

8. Onde estão as alegorias no texto?

9. Desenhe uma paisagem com diferentes elementos, existente numa área localizada 12º norte e 48º leste Gr, numa altitude de 1250 m e distante 10 km de um oceano ou mar.

10. Faça um desenho da paisagem em que esta história se desenvolve.



*Energias que
despertam paisagens
e guardam silêncios!*

Foto de Cherlize Ginar dos Santos.



REFERÊNCIAS

ALLIS, T. Experiências de mobilidade turística no espaço público urbano. In: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (Orgs.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: Senac SP, 2010, p. 255-273.

BALBIM, Renato Nunes. Região, Território, espaço: Funcionalizações e Interfaces. In: **Ensaio de Geografia Contemporânea**: Milton Santos – Obra Revisitada. São Paulo: EDUSP; Hucitec; Imprensa Oficial do estado, 2001.

BARBOSA, Ignez C. O período técnico-científico e a organização do espaço. In: **Simpósio**: Teoria e Ensino de Geografia. UFMG, Belo Horizonte, 1983, p 49-57.

BARTHES, Roland **O Óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **Mitologias**. 4. ed. São Paulo: DIFEL, 1980.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Tradução: Ednês Vasconcelos e Anne-Marie Milon Oliveira. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 84-91.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global:** esboço metodológico. São Paulo: USP/Instituto de Geografia, 1971. (Caderno de Ciências da Terra, 13).

_____. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **RA'E GA** – O Espaço Geográfico em Análise, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.

BEZZI, Meri Lourdes. Região como foco de Identidade Cultural. **Geografia**. Associação Teorética de Rio Claro. Rio Claro: AGETEO, Vol. 27, nº 1, p. 5-19, 2002.

CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciencia en la geografia contemporânea:** una introducción a la geografia. 3 ed. Barcelona: Barcanova, 1988.

CARLOS, Ana F. A (org.) **Os caminhos da reflexão sobre a Cidade e o Urbano.** São Paulo: Edusp, 1994a.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 207-232, jan./jun., 2017.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.) **Geografia, caminhos e encantos.** 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Turismo x Espaço – reflexões necessárias na pós-modernidade. In: GASTAL, Susana & CASTROGIOVANNI, Antonio carlos (orgs). **Turismo na Pós-Modernidade** – (des)inquietações. Porto Alegre.: EDIPUCRS, 2003.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.) **Ensino de Geografia:** práticas e textualizações no cotidiano. 12 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2017.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, GOULART, Ligia Beatriz. Uma contribuição à reflexão do ensino de geografia: a noção da espacialidade e o estudo da

natureza. **Terra Livre**: Geografia Pesquisa e Prática Social, São Paulo, n. 7, p. 109-118, 1990.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

_____. **A Geografia Cultural**. Curso ministrado na UFRGS, Deptº de Geografia – Programa de Pós-Graduação. Porto Alegre, 29 a 31 de outubro de 2002. (Texto mimeografado).

_____. A Revolução Pós-Funcionalista e as Concepções Atuais da Geografia. In: MENDONÇA & KOZEL (orgs). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002a.

_____. L'approche culturelle: ouvertures et pistes nouvelles. **Géographie et Cultures**, n. 40, p. 5-28. Laboratoire Espace et Culture (Université de Paris IV), Paris, 2001a.

CLAVAL, Paul. O papel da Nova Geografia Cultural na compreensão da Ação Humana. In: CORRÊA Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001b. p. 35 – 86.

CORRÊA, R. L. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

_____. Denis Cosgrove – a Paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 29, p. 7-21, jan./jul. 2011.

_____. **O espaço geográfico**: algumas considerações. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Região e organização espacial**. São Paulo: Atica, 1986.

_____. **Região**: A Tradição Geográfica. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/Nepec, 1995.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte, Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem**,

Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998, p. 92 – 122.

_____. Geografia Cultural no Milênio. In: CORRÊA Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações Da Cultura No Espaço.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999, p. 17 – 46.

_____. **Landscape and the European Sense of Sight** – Eyeing the Nature. In: ANDERSON, K.; DOMOSH, M.; PILE, S.; TRHIFT, N. (Orgs.). Handbook of Cultural Geography. London: Sage, 2002, p. 249-268.

_____. **Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing the World.** London/New York: IB Auris, 2008.

COSTA, Rogério H. da. Filosofia, Geografia e crise da modernidade. **Terra Livre: Geografia Pesquisa e Prática Social,** São Paulo, n. 7, p. 62-92, 1990.

COSTA, Rogério H. da; GOMES, Paulo César da C. O espaço na modernidade. **Terra Livre,** São Paulo, n. 5, p. 47-67, 1988.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro.** São Paulo: Loyola, 1979.

FLORES, Terezinha Maria Vargas. **Interdisciplinarité dans la recherche.** Paris: Rapport – CNRS, 1991.

_____. Reconstruções convergentes com avanços: a interdisciplinaridade. **Educação e Realidade,** Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 53-60, 1993.

FUERTES, Ciro Hurtado. **Introducción a la Geografía Sistémica.** Lima (Perú), Editorial San Marcos, 2000.

GOMES, Marquiana de F. Vilas Boas. Cartografia social e geografia escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia,** Campinas, v. 7, n. 13, p. 207-232. jan./jun. 2017.

GOMES, P. C. da C. **O lugar do olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

- _____. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto; Ed. UFF, 2002.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- HISSA, Cássio E. V. **A Mobilidade das Fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- JOHNSON, R. ESCOSTEGUY, Ana C. e SCHULMAN, N. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- KUNZ, Jaciel Gustavo; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Paisagens, turismo e as múltiplas escalas geográficas do olhar. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 40, n. 59394, p. 21-36, mai. 2022.
- LEVY, J. Os novos espaços da mobilidade. **Geographia**, Niterói, v. 3, n. 6, p. 7-21, 2001.
- LOPES, Alyne Rodrigues Cândido; RICHTER, Denis. A construção de mapas mentais e o ensino de geografia: articulações entre o cotidiano e os conteúdos escolares. **Revista Territorium Terram**, v. 02, n. 03, p. 2-12, Out./Mar. – 2013/2014.
- MAIA, Doralice S. A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições. In: Paradigmas da Geografia – parte I. **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 71-98, 2001.
- MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D.,
- MARTIN, R & SMITH, G. **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- MORAES, Antônio Carlos R. **A gênese da Geografia Moderna**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1989.

_____. **Geografia:** pequena história crítica. 17. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MORENTE, Rangel Garcia. **Fundamentos de filosofia:** lições preliminares. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015a [2005].

_____. **O Método.** 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015b [1986]. 3 v.

_____. **Ciência com Consciência.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.

_____. **O Método 1** – a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2002a.

_____. **O Método 3** – o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **O Método 4** – as ideias – habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre, Sulina, 2002b.

MORIN, E. Da Necessidade de Um pensamento Complexo. In: MARTINS Francisco M. & SILVA, Juremir M. da (orgs.). **Para Navegar no Século XX.** Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2000.

MORIN, Edgar et al. **Terra Pátria.** Porto Alegre: Sulina, 1995.

NOGUÉ, Joan. **El Paisaje en la Cultura Contemporánea.** Madrid: Biblioteca Nueva, 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo V. (org.) **Para onde vai o ensino da geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.

OLWIG, K. Recovering the substantive nature of landscape. **Annals of the Association of American Geographers,** v. 86, n. 4, p. 63-653, 1996.

PAGANELLI, Tomoko Ilda. **Para a construção do espaço geográfico na criança.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: FGV – Instituto de Estudos Avançados, 1982.

PANIZZA, A. de C. **Paisagem** (Como eu ensino). São Paulo: Melhoramentos, 2014.

PIAGET, Jean. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, s.d.

_____. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. **Psicologia e epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia de poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RICHTER, Denis. A linguagem cartográfica no Ensino em Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 277-300, jan./jun. 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. 2 Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Tendências da Urbanização Brasileira no Fim do Século XX. In: SANTOS, M. (org.) **Novos rumos da geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994b.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. Razão global, razão local. **Os espaços da racionalidade**. Festival Internacional de La géographie, St.-Dié des Vosges, 1994b.

SANTOS, Milton.; SOUZA, M. A. de (coords.) **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986.

SAUER, C. O. A morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998 [1925].

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística geral. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**: Uma exploração pioneira pela história passada pelo atual do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a Paisagem sonora. Tradução: Maria T. Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SILVA, Armando Corrêa da. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVEIRA, Maria Laura. Da fetichização dos lugares à produção local do turismo. In: RODRIGUES, AdyrBalastreri (Org.). **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 36-45.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa Sócio-Espacial**. 3 ed. Rio de Janeiro: 2016[2013].

_____. A expulsão do Paraíso. O "Paradigma da Complexidade" e o Desenvolvimento Sócio-Espacial. In: CASTRO, Iná *et al* (orgs.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SOUZA, Maria Adélia de. Razão global/razão local/razão clandestina/razão migrante, reflexões sobre a cidadania e o migrante: relendo (sempre homenageando) Milton Santos. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 20, p. 64-67, 1995.

SPOSITO, Eliseu Savério. A propósito dos paradigmas de orientação teórico-metodológicas na Geografia contemporânea. In: Paradigmas da Geografia – parte I. **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 99-112, 2001.

SUERTEGARAY, Dirce Maria. A Geografia no Contexto das Ciências. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, n. 22, p. 7-16, 1997.

TELMO, Isabel C. **A criança e a representação do espaço**. Lisboa: Livros Horizontes, 1986.

VATTIMO, G. Posmodernidad: una sociedad transparente? In: VATTIMO, G et al. **En torno de la postmodernidad**, Barcelona, Anthropos, 1990.

VERDUM, Roberto. Perceber e conceber Paisagem. In: VERDUM, Roberto et al (Org.). **Paisagem: leituras, significados e transformações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 15-22.

WYLIE, J. **Landscape**. London: Routledge, 2007.



SOBRE OS AUTORES

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI

Licenciado e bacharel em Geografia (UFRGS). Mestre em Educação (UFRGS). Doutor em Comunicação Social na área de práticas Sociais (PUCRS). Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi professor da PUCRS e do Colégio de Aplicação da UFRGS. Autor de livros e artigos no Brasil e exterior. Líder do Grupo de Pesquisa da CAPES - Formação Continuada de Professores (EduConGea).
E-mail: acastrogiovanni53@gmail.com

CHRISTIANO CORREA TEIXEIRA

Licenciado em Geografia (UFRGS), Mestre em Geografia (UFRGS), Doutor em Geografia (UFRGS). Atua como professor da educação básica desde 2010. Possui experiência em Metodologia de Ensino de Geografia

e formação de professores. Faz parte do grupo de pesquisa EduConGea.

E-mail: christiano.teixeira@ufrgs.br

JACIEL GUSTAVO KUNZ

Bacharel em Turismo (PUC-RS), Mestre em Turismo (UCS) e Doutor em Geografia (UFRGS), com período sanduíche em Western Michigan University, Estados Unidos. Professor no Curso de Turismo da FURG, Campus Santa Vitória do Palmar.

E-mail: jacielkunz@gmail.com

LÂNDERSON ANTÓRIA BARROS

Licenciado em Geografia pela UFPel. Mestre em Geografia pela UFSM. Doutor em Geografia (UFRGS). Já atuou como professor no município de Pelotas, na Universidade Federal de Pelotas e no Instituto Federal Sul-rio-grandense. Hoje atua na rede privada. Possui o Google Certified Educator Level 2, Google for Education. Faz parte do grupo de pesquisa EduConGea.

E-mail: landerson-barros@hotmail.com

SOBRE O LIVRO

Formato: 14X21 cm

Tipologia: Minion Pro

Número de Páginas: 170

Versão: E-book / Físico

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AOS AUTORES.



C&A ALFA COMUNICAÇÃO
Rua Coronel Anacleto, nº 1298 – Setor Pai Eterno
CEP 75.388-235 – Trindade/GO
editoraalfacomunicacao@gmail.com

Pensamos ser fundamental considerar a dinâmica socioespacial que envolve os aspectos visíveis e invisíveis, implícitos e explícitos, que falam ou silenciam, de acordo com as subjetividades geográficas do olhar dirigido pelos sujeitos às paisagens, procurando não separar o sujeito do objeto por ele percebido. Neste livro apresentamos algumas das questões respondidas provisoriamente e que necessitam da coautoria de cada sujeito, do professor ao leitor. Não nos preocupamos apenas com questões teóricas, mas como transpô-las para sala de aula. O texto a seguir é o resultado provisório de nossas práticas e de nossas dúvidas. Como professores procuramos transformar as nossas experiências em pesquisa-ação. Entendemos que todo professor também é um pesquisador. O desafio está posto.

Os autores.



ISBN 978-65-89324-87-4